

Eletrônico



Estratégia
CONCURSOS

Aula

História e Geografia do Estado do RN (e PM-RN Oficial) Com videoaulas - 2019

Professor: Rosy Freire (Equipe Sérgio Henrique), Sérgio Henrique



SUMÁRIO

00. Bate Papo Inicial	2
1. As Grandes Navegações e a Conquista da América	3
1.1. <i>O Pioneirismo Português</i>	3
1.2. <i>As Navegações Espanholas</i>	5
1.3. <i>A Bula Intercoetera e o Tratado de Tordesilhas:</i>	6
1.4. <i>A Igreja e a Expansão Marítima</i>	7
2. Pré Colonial.	8
2.1. <i>Expedições de Reconhecimento e Defesa</i>	8
2.2. <i>Os Indígenas Potiguares (Litoral) e Tarairiu (Sertão)</i>	9
2.3. <i>A Expedição do Espanhol Vicente Pinzón.</i>	10
2.4. <i>Os Franceses e a Fortaleza dos Magos.</i>	13
3. O Período Colonial.	14
3.1. <i>As Capitanias Hereditárias</i>	14
3.2. <i>A Capitania do Rio Grande</i>	15
3.3. <i>A Conquista do Rio Grande do Norte e a Resistência dos Potiguares</i>	17
3.4. <i>O Governo Geral</i>	20
3.5. <i>Os Primeiros Governadores</i>	21
3.6. <i>As Câmaras Municipais</i>	21
3.7. <i>Os Padres Jesuítas</i>	23
4. A Importância do Açúcar para a Economia Local.	25
4.1. <i>Por que a cana?</i>	25
4.2. <i>A Escravidão e o Comércio Atlântico</i>	26
5. A União Ibérica, Invasão Francesa e a Fortaleza dos Magos.	29
5.1. <i>A Invasão dos Holandeses</i>	29
6. Texto Complementar.	32
7. Exercícios.	33
8. Considerações Finais.	60



00. BATE PAPO INICIAL

Olá amigo estudante. É com muita alegria que o recebo para falarmos de *história colonial do Rio Grande do Norte*. Como o tema é específico do Rio Grande do Norte, é bastante delicado e único.

Sou o professor Sérgio Henrique...

É um imenso prazer poder participar da sua preparação junto com nosso **mestre** Leandro Signori. Estamos tentando proporcionar o curso mais completo e eficiente para que você possa alcançar sua aprovação. Então com o foco no sucesso, vamos ao trabalho.

0.1. VÍDEOS DE HISTÓRIA DO BRASIL COLÔNIA



Ordem sugerida para ver os vídeos: Exercícios devem ser vistos à vontade. Na ordem que preferir. Os vídeos teóricos, sugiro que sejam assistidos conforme a sequência abaixo.

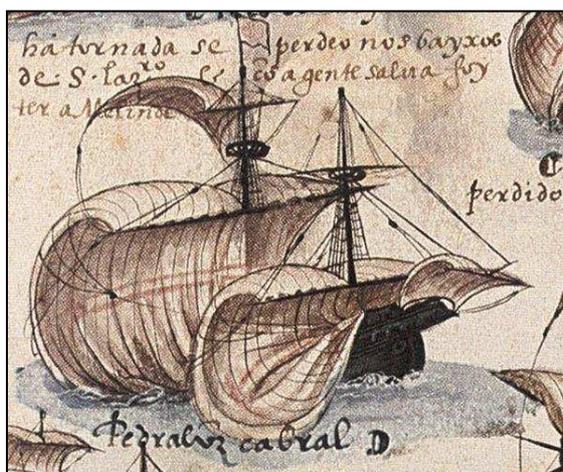
- ✓ [Exercícios - Parte 01](#) (ESPECÍFICOS)
- ✓ [Exercícios - Parte 02](#) (ESPECÍFICOS)
- ✓ [Período Pré Colonial](#)
- ✓ [Administração Colonial](#)
- ✓ [Os Jesuítas e o Catolicismo Colonial](#)
- ✓ [Produção Açucareira](#)
- ✓ [As invasões estrangeiras - Parte 01](#)
- ✓ [As invasões estrangeiras - Parte 02](#)



1. AS GRANDES NAVEGAÇÕES E A CONQUISTA DA AMÉRICA.

Portugal foi pioneiro na expansão marítima pelo oceano atlântico. Este período é muito importante, pois além de significar um momento de ampliação e fortalecimento do capitalismo europeu, marca a mudança do eixo econômico do Mar Mediterrâneo para o Atlântico. As grandes navegações foram impulsionadas pelo interesse da coroa e da burguesia (que contavam com o apoio da Igreja Católica), a escassez de metais preciosos e a necessidade de buscar novas rotas para as “índias”, pois o mar mediterrâneo estava monopolizado pelas cidades italianas e por terra os perigos eram muitos. O comércio atlântico fortaleceu-se mais ainda a partir de 1453, quando a cidade de Constantinopla foi tomada militarmente pelos Turcos Otomanos e inviabilizaram o comércio de especiarias na região para os europeus.

1.1. O PIONEIRISMO PORTUGUÊS



Nau de Pedro Alvarez Cabral

São razões do pioneirismo português:

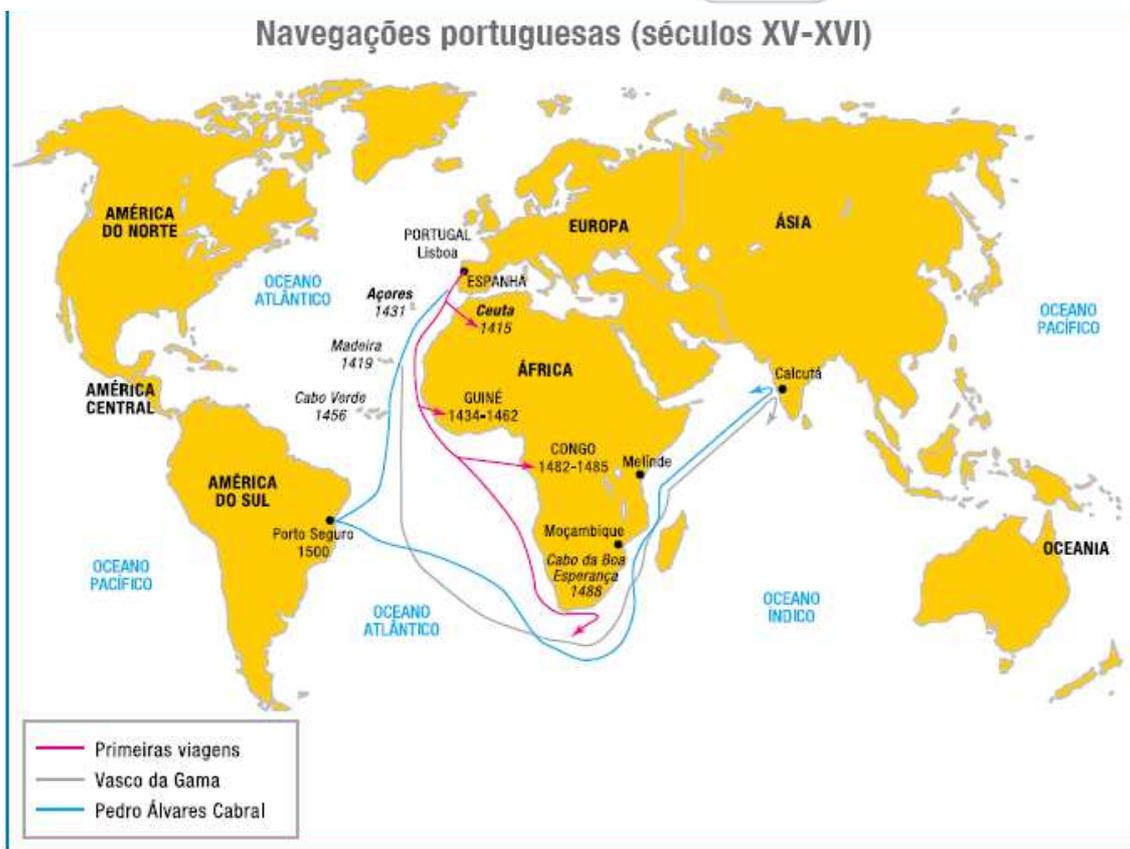
1. Centralização política (Portugal é o primeiro Estado nacional absolutista, também chamado Estado Moderno).
2. Paz interna (Estabilidade político-social enquanto a Espanha ainda estava em sua **guerra de reconquista**, e outros reinos europeus estavam em guerra).
3. Posição geográfica favorável.
4. Existência de uma burguesia ambiciosa e com capacidade de investimento
5. Experiência comercial.

6. Interesse e incentivo comercial do Estado português (que inclusive criou escolas de navegação).
7. Novas invenções tecnológicas (Bússola, pólvora, astrolábio, quadrante, cartografia etc...).

De todos os elementos que tornaram Portugal pioneiro se destacam o Estado absolutista e a paz interna, estas características são exclusivas do reino lusitano.

Trinta anos após a Revolução de Avis, tiveram início as navegações portuguesas. **Em 1415 Portugal conquistou a cidade de Ceuta**, localizada no norte da África, no Marrocos, que era um importante centro comercial árabe. Entre 1415 e 1488 Foi explorado o litoral atlântico onde hoje está o território litorâneo entre o Marrocos e a África do sul. A esta faixa denomina-se **Périplo africano**. É bom lembrar que avançar alguns quilômetros no oceano é tarefa complicada que exige domínio das correntes marítimas e o mapeamento da trajetória. Tarefas lentas e custosas. Em 1488, **Bartolomeu Dias** conquistou o extremo sul do continente africano e dobrou o que era chamado de “cabo das tormentas”, devido ao mar agitado, encontro dos oceanos Atlântico e Pacífico. Depois disso foi rebatizado de **cabo da boa esperança**. Em 1498 **Vasco da Gama** conquista a cidade de Calicute, na Índia. Com a descoberta do caminho para a Índia, Portugal passou a dominar o comércio de especiarias, e com sua rede de **Feitorias**, dominou o comércio do ouro por cem anos (1450 a 1550) e já era um grande traficante de escravos quando **Pedro Álvares de Cabral** chegou ao Brasil, em 1500.





Adaptado de ALCEU LUIZ PAZZINATO e MARIA HELENA VALENTE GENISE
História moderna e contemporânea. São Paulo: Ática, 1998.

1.2. AS NAVEGAÇÕES ESPANHOLAS

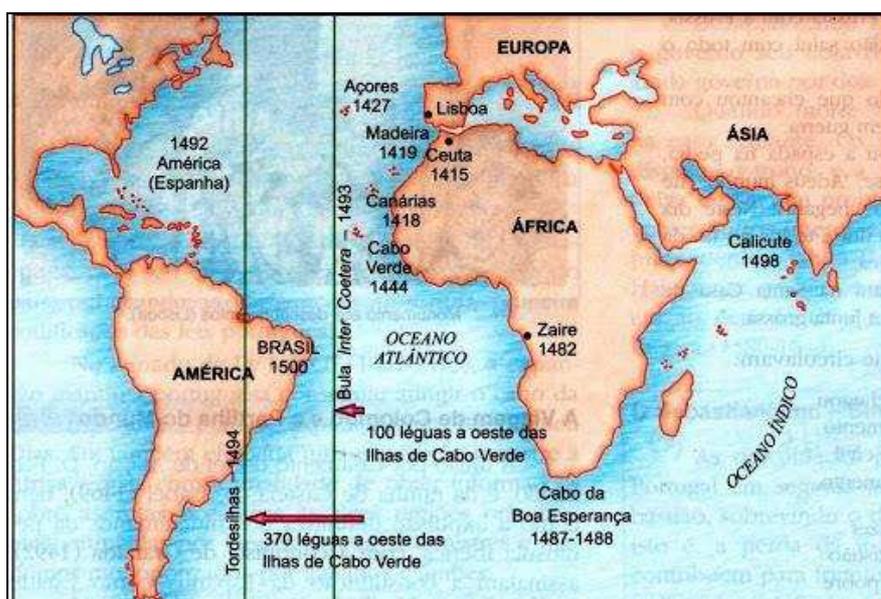
A Espanha começou sua navegação após o fim de sua Guerra de Reconquista e a conquista da paz e o desenvolvimento do seu Estado Absolutista (O ano é 1492. No mesmo ano que acaba a reconquista, Colombo chega à América). Seu primeiro Grande navegador foi **Cristóvão Colombo** que em busca de novas rotas tentou a **circunavegação** (dar a volta na terra de navio). Lembre-se que o mediterrâneo era monopolizado pelos italianos, o caminho por terra e por Istambul inviáveis devido aos riscos e o atlântico agora era português. A audaciosa viagem de Colombo através do atlântico tinha por objetivo atingir a China. Quando foi constatado que as terras atingidas por Colombo pertenciam a um continente até então desconhecido, foram consideradas um obstáculo. O “Novo mundo” – a América-, no início, não despertou o interesse da Coroa espanhola. O mesmo ocorreu com o Brasil depois que aqui chegou a esquadra de Pedro Álvares Cabral. Com a Espanha entrando em cena, colocou-se o problema das fronteiras luso-espanholas no ultramar, que só foi solucionada com o **Tratado de Tordesilhas**.



OBS: A primeira viagem de circunavegação completa foi realizada pelo espanhol Fernão de Magalhães em 1519.

1.3. A BULA INTERCOETERA E O TRATADO DE Tordesilhas:

A disputa comercial e territorial entre Portugal e Espanha fez com que o **arbítrio** internacional fosse necessário. Em 1493, mediado pelo Papa, foi proposta a Bula intercoetera que determinava que os limites a 100 léguas das ilhas de Cabo Verde (pequeno arquipélago africano próximo à Europa) à Oeste seriam espanhóis e à leste, seriam portugueses. Portugal negou. Depois em 1494, logo após a viagem de Colombo e antes da chegada dos portugueses ao Brasil foi assinado o **Tratado de Tordesilhas**, tomando por base o meridiano que passava a 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde, ficou estabelecido que os domínios espanhóis eram aqueles situados a Oeste e os portugueses os situados à leste. Porém, à medida que outros países entraram na corrida pelas possessões ultramarinas, esse acordo passou a ser questionado, principalmente pelo rei da França, que indagava “onde estava o testamento de Adão, dizendo que o mundo era de Portugal e Espanha”. Nos anos seguintes território Brasileiro passou a ser alvo de invasões estrangeiras francesas, inglesas e no século XVII dos holandeses.





1.4. A IGREJA E A EXPANSÃO MARÍTIMA

Desde o século XV a Igreja vinha sofrendo várias críticas e no século XVI passou por um momento de enfraquecimento na Europa em razão da Reforma Religiosa iniciada por Martinho Lutero. Para evitar que o protestantismo se espalhasse para o Novo Mundo (as novas terras descobertas, as Américas) a Igreja apoiou ativamente a expansão Ibérica e se associou ao Estado português e espanhol através do regime de **padroado**.

O Padroado era a associação entre o Estado (no nosso caso o português) e a Igreja Católica. O Estado colaboraria para a expansão territorial do catolicismo e a Igreja apoiava a expansão tanto através de justificativas e na colaboração na educação e aculturação dos habitantes do Novo Mundo. A educação proporcionada pela Igreja era dada pela Ordem religiosa dos padres jesuítas que construíam as “Missões Jesuíticas”, cuja função era transmitir a fé católica aos indígenas e ensiná-los agricultura de subsistência. Há de se destacar que os indígenas não foram oficialmente escravizados por Portugal e muito disso se deve a oposição da Igreja e a atuação dos jesuítas que tentavam impedir que os indígenas se tornassem cativos.



Oscar Pereira da Silva: Desembarque de Pedro Alvarez Cabral em Porto Seguro. Obra atualmente exposta no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro.



2. PRÉ COLONIAL.

2.1. EXPEDIÇÕES DE RECONHECIMENTO E DEFESA

Em 1501 saiu de Portugal a expedição comandada por **Gaspar Lemos**, que contava com apoio do navegador Américo Vespúcio e tomaram posse do litoral Rio Grandense tomando posse através da instalação de um marco territorial, o **Marco de Touros**. O local do desembarque foi na orla marítima de Touros, mais precisamente em área hoje localizada na divisa dos municípios de Pedra Grande e São Miguel do Gostoso.

Em 1503 saiu da cidade do Porto a expedição de **Gonçalo Coelho**, e em 1516 a expedição de Cristóvão Jaques (esta e a de Martin Afonso não aportaram no RN). Estas expedições foram chamadas de “guarda costas”, pois o principal objetivo era proteger a costa de invasores estrangeiros, além de fazer o reconhecimento do território e seu mapeamento.

Entre 1500 e 1530 o território do Brasil não despertou um grande interesse em Portugal. Porquê? Principalmente devido ao comércio de especiarias com as “índias”, que eram um negócio incrivelmente lucrativo, o que diminuía o interesse pelas terras descobertas, além disso não encontraram nenhum tipo de riqueza comercializável na Europa que fosse valorizada, exceto madeira. O único produto de maior interesse então, era o **Pau-Brasil**, que era coletado na costa e levado à Europa para extrair sua tinta, para fornecer colorantes para os tecidos manufaturados, que antes da industrialização eram caríssimos. Não era considerado um “negócio das índias”, pois não era tão lucrativo e exigia muitos esforços, então pela mentalidade mercantilista não era um bom negócio. O Estado português concedia o **monopólio** da exploração, denominado estanco.

Os primeiros contatos com os indígenas que foram relatados foram na expedição de Gonçalo Coelho e de partida foram conflituosas. A escravização dos nativos era combatida pela Igreja e pelo Estado português. As coroas ibéricas eram ligadas à Igreja Católica e seguiram a orientação do clero: não estimulava a escravização de nativos e inclusive criou leis que a proibiu. Se bem que nunca fiscalizou com firmeza e a escravidão indígena durante a colônia foi regra. No primeiro contato com os nativos não ocorreu a escravização do indígena, que trabalhava retirando o Pau-Brasil através do escambo.



Escambo: Também chamado “trocas naturais”. É quando ocorrem a trocas sem a presença de moedas. Por exemplo, trocar o Pau-Brasil por pequenos objetos sem valor para o europeu como espelhos, colares e afins, ou a troca de africanos para serem escravizados por tabaco e cachaça.



Alguns antropólogos se debruçaram para estudar esta relação de exploração, pois o escambo tem forte poder explicativo, mas o que poderia convencer milhares de indígenas a trabalhar para os portugueses? De acordo como o antropólogo Darcy Ribeiro, eram estabelecidas as relações de “cunhadismo”. Os portugueses casavam-se com as indígenas, sobretudo com filhas de chefes tribais. Estabelecidos laços familiares os indígenas trabalhavam para seus “cunhados” ... (Lembre-se que as tribos não eram monogâmicas, então podiam casar com várias índias e ter diversos cunhados). O produto do trabalho era armazenado nas **feitorias**, grandes construções litorâneas que tinham a função de armazéns e de fortes militares. A Fortaleza dos Magos, que foi construída no combate aos corsários franceses e mais tarde foi tomada pelos holandeses, é um exemplo de feitoria.



O litoral norte Rio Grandense é o ponto mais próximo da Europa e África, e foi terra visitada por vários navegantes europeus. Os franceses e holandeses por aqui estiveram e historiadores como Câmara Cascudo afirmam que os Espanhóis pisaram antes no litoral potiguar.

O português entrou em contato inicialmente com os indígenas do **tronco linguístico Tupi-guarani**. Sua organização social era baseada na propriedade coletiva, a propriedade era apenas a pessoal, como o próprio arco.

2.2. OS INDÍGENAS POTIGUARES (LITORAL) E TARAIRIU (SERTÃO)

Os portugueses encontraram durante o início da colonização indígenas organizados em **sociedades tribais**, cujo líder é o **cacique** e o líder religioso – curandeiro- é o **pajé**. Suas principais características eram:

- ✓ Pequenas populações organizadas em tribos.
- ✓ Propriedade coletiva.
- ✓ Caçadores e coletores.
- ✓ Algumas tribos dominavam uma agricultura bastante rudimentar. Deles herdamos as **coivaras**: queimadas para abrir espaço nas matas e a cultura da **mandioca**.
- ✓ Possuíam religiões animistas: cultuavam a natureza e acreditavam que seus elementos são dotados de vida.



Muitas tribos praticavam um ritual que chocou muito os europeus: A **antropofagia**, ou seja, o canibalismo. Esta prática era acompanhada de um longo ritual que poderia durar meses, e acreditavam que ao ingerir a carne do inimigo iriam adquirir suas habilidades. Os europeus nos primeiros anos do pré-colonial tinham uma visão idealizada das tribos, no início da colonização e os relatos sobre as tribos nativas, levaram ao surgimento de outra visão sobre o indígena, que foram considerados selvagens e bárbaros e que deveriam ser cristianizados. Durante todo o processo de colonização, a resistência indígena foi enorme e dificultou o estabelecimento dos portugueses, ao ponto que a coroa portuguesa proibia a escravização do indígena, mas permitia sua captura através da **Guerra Justa**, ou seja, a guerra contra as tribos que se levantavam contra os colonizadores. No nordeste, mas principalmente no litoral do RN a Guerra contra os indígenas foi violenta e levou décadas até serem pacificados com o apoio dos bandeirantes paulistas. Aos longos conflitos contra os indígenas que tiveram início já nos primeiros contatos os portugueses chamaram de **Guerra contra os Bárbaros** o conflito foi o mais importante no início da colonização. Alguns historiadores classificam a guerra contra os bárbaros, principalmente o período após a expulsão dos holandeses em que ocorreu a união das tribos contra os portugueses que ficou conhecida como **confederação dos Cariris**, a união de diversas tribos contra os portugueses. O conflito só foi solucionado em 1713, com a participação de bandeirantes paulistas, entre eles Domingos Jorge Velho, o destruidor do Quilombo dos palmares.

2.3. A EXPEDIÇÃO DO ESPANHOL VICENTE PINZÓN.

Trata-se de um assunto que faz parte de um debate atual sobre a história do Brasil e Potiguar. A análise de documentos das expedições espanholas permitiu a descoberta de algo muito interessante: A primeira expedição a atravessar a foz do rio Amazonas até o cabo de Santo Agostinho em Pernambuco, foi a do espanhol Vicente **Pinzón**, que seguiu numa expedição de reconhecimento da América Central e navegou pelo litoral das Guianas, percorreu o litoral Rio Grandense e foi até Pernambuco. Até aí nada muito surpreendente, pois sabemos que o litoral foi bastante visitado por espanhóis e por piratas franceses e ingleses. É que a viagem de **Pinzón** ocorreu em 1498 e 1499, e em janeiro de 1500 percorreu nosso litoral, ou seja, três meses antes da chegada da esquadra de Cabral, ele já tinha reconhecido nosso litoral. Não faz diferença politicamente pois as terras já estavam garantidas à coroa Portuguesa desde o Tratado de Tordesilhas. Mas hoje sabemos que o litoral pernambucano foi primeiramente visitado pelos espanhóis na expedição de **Pinzón**, que na literatura histórica que é produzida no estado, temos o debate sobre quem teria “descoberto o Brasil”. Ele foi um dos navegadores que, junto de Cristóvão Colombo foram os pioneiros da chegada na América, e teria sido o capitão da Ninã (três caravelas: Pinta, Ninã e Santa Maria). De acordo com o historiador Max Justo Guedes, o principal estudioso do tema, **Pinzón declarou ter aportado no Cabo de Santo Agostinho no litoral pernambucano**



numa audiência, na Espanha, que pretendia assegurar os direitos dos primeiros exploradores. Mas teria mentido para ter possíveis benefícios, diante dos problemas de demarcação, ou tenha se equivocado quanto a localidade. Guedes se baseia nas documentações do Historiador e diplomata brasileiro no império, **Francisco Vanhagen, que acredita que Pinzón equivocou-se e na verdade aportara na Ponta do Mucuripe, no Ceará.** Há uma discussão acerca da localidade descrita por **Pinzón**, se é Mucuripe ou Santo Agostinho. A ideia de que deve ser Mucuripe, deve-se a própria descrição dada pelo navegador que o local e o trajeto se assemelham mais ao Ceará e também a análise das direções tomadas no trajeto.

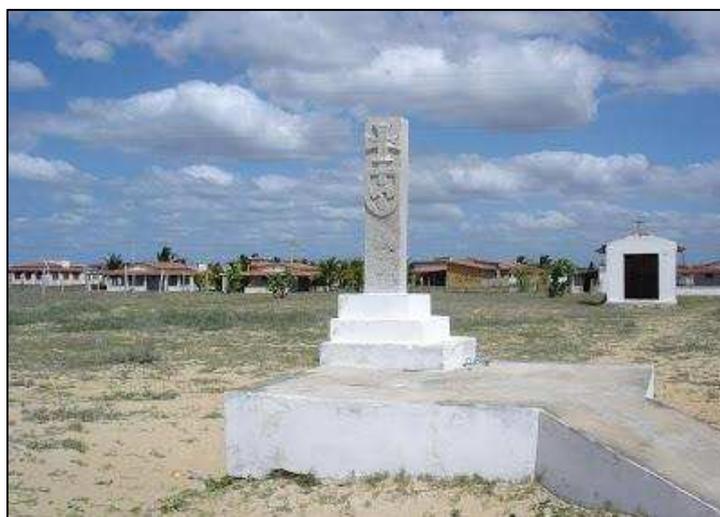
O nome do estado é associado aos potiguares é diretamente ligado aos primeiros anos do contato com os portugueses. O estado recebe este nome, pois as tribos indígenas que habitavam o litoral à época da chegada portuguesa eram os tupi-potiguares. Eles resistiram à ocupação portuguesa e tiveram um contato hostil desde os primeiros encontros.

Em 1501 a expedição de Gaspar Lemos partiu de Portugal e tomou posse do litoral norte rio grande no dia 07 de agosto, instalando um padrão, ou seja, um marco de pedra mais conhecido como o marco de Touros (mais tarde surgiria ali o município de Touros).



Por decreto estadual o 07 de agosto é a data de aniversário do RN.

"Partindo, Gaspar de Lemos deixou um sinal de sua passagem como testemunha da posse del-rei de Portugal. Chantou um marco de pedra lioz, o mármore de Lisboa, tendo no primeiro terço a Cruz da Ordem de Cristo em relevo, e abaixo as armas do Rei de Portugal, cinco escudetes em cruz com cinco besantes em santor sem a bordadura dos castelos" (CÂMARA CASCUDO).



Réplica do Marco.





O Império Português era um grande império marítimo e marcava suas novas terras descobertas com marcos de pedras, (os padrões). Era uma forma de tomar posse do local antes de possíveis invasões estrangeiras.



1. (CESPE - UERN - Agente Técnico Administrativo - 2010).

Decreto estadual instituiu o dia 7 de agosto como o aniversário do RN.

A data escolhida é uma alusão à fixação do

- A) Marco de Touros.
- B) Padrão dos Descobrimentos.
- C) Padrão de Cananeia.
- D) Marco de Angra.
- E) Marco de Itamaracá.

Comentários

O aniversário do RN é uma referência à data em que foi instalado por Gaspar Lemos o Marco de Touros, para tomar posse do território. É de mármore e marcado com a cruz de malta.

Gabarito: A

Após Gaspar Lemos, foi **Gonçalo Coelho** o segundo a aportar no litoral potiguar. De acordo com o historiador Eduardo Bueno:

"Ancoraram num lugar localizado a 5º de latitude Sul – o que remete à foz do rio Mossoró, na praia hoje chamada Areias Alvas, quase na divisa entre o Rio Grande do Norte e o Ceará –, o local mais provável do desembarque parece ter sido a Praia dos Marcos, no Rio Grande do Norte, cerca de 150 km a sudeste de Areias Alvas. Ao desembarcar nessa praia de ondas fortes e areia fofa, os portugueses não viram ninguém. Mas, na manhã do dia seguinte, enquanto os marinheiros enchiam os tonéis de água fresca, colhiam palmitos e cortavam lenha, um grupo de indígenas surgiu no alto de um pequeno morro próximo à praia. Embora os marujos lhes oferecessem guizos e espelhos, os nativos se recusaram a manter qualquer contato – exatamente como haviam feito os Potiguar encontrados por Pinzón".

E ainda narra a experiência de contato com os nativos. Descobriram horrorizados a antropofagia:

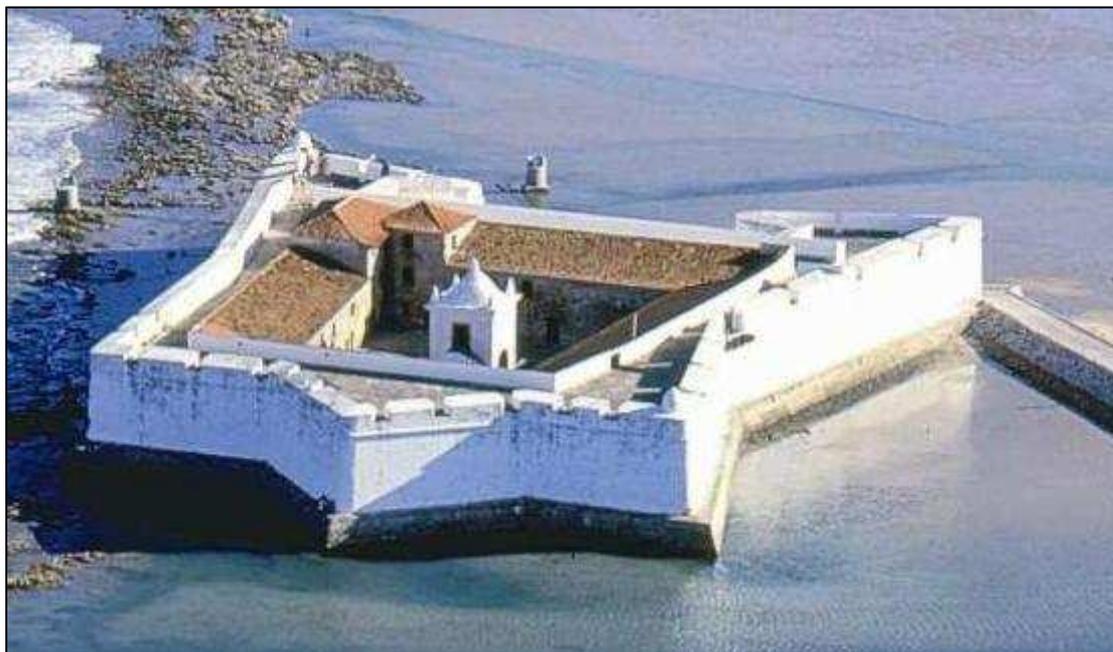


"Um grumete desceu e foi cercado pelas nativas, que 'o apalpavam e o examinavam com grande curiosidade'. Quando ele estava no meio delas, uma mulher desceu do monte com um tacape nas mãos, aproximou-se do jovem marinheiro e, pelas costas, lhe desferiu um golpe na nuca". Segundo Vespúcio, o grumete foi arrastado "pelos pés para o monte, ao mesmo tempo em que os homens, que estavam escondidos, se precipitavam para a praia armados de arcos, crivando-nos de setas (...). Disparamos quatro tiros de bombarda, que não acertaram, mas cujo estrondo os fez fugir para o monte, onde já estavam as mulheres despedaçando o cristão e, enquanto o assavam numa fogueira, mostravam-nos seus membros decepados, devorando-os, enquanto os homens faziam sinais, dando a entender que tinham morto e devorado os outros dois cristãos".

2.4. OS FRANCESES E A FORTALEZA DOS MAGOS.

Devemos nos lembrar, que antes da colonização efetiva do território, a partir de 1530, o litoral potiguar foi visitado por Franceses, pois não reconheceram o tratado de Tordesilhas. A França estava de olho em terras na América.

Atualmente o marco encontra-se na Fortaleza dos Magos e na praia fica exposta uma réplica. Durante o **período pré-colonial os franceses frequentaram a costa potiguar e exploraram madeira ilegalmente**.



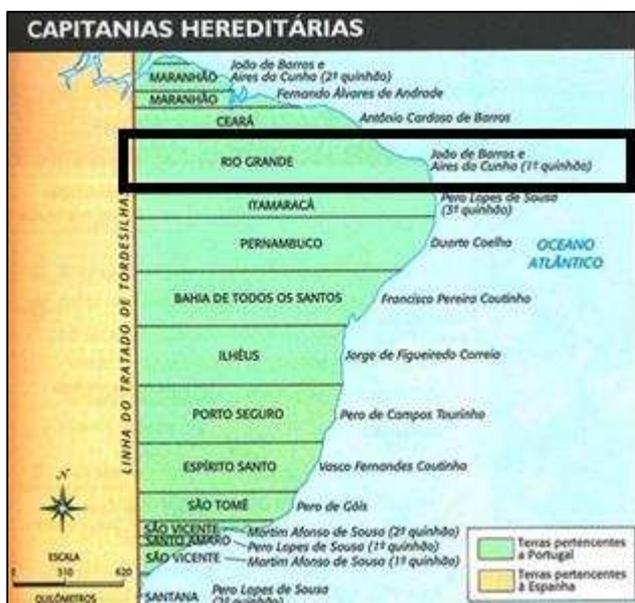
A fortaleza dos Magos foi o primeiro forte militar construído no Brasil e hoje faz parte o Patrimônio artístico e histórico nacional, tombado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Artístico Nacional).



3. O PERÍODO COLONIAL.

3.1. AS CAPITANIAS HEREDITÁRIAS

As Capitanias hereditárias foram as primeiras formas de divisão administrativa pela qual o Brasil passou. Portugal tentou transferir os gastos da colonização para a iniciativa privada. Concedia territórios a serem governados com amplos poderes a quem os recebesse, pois se tornava Capitão Donatário, ou seja, o Capitão responsável pela Capitania Hereditária. Do litoral até a linha imaginária do tratado de Tordesilhas, em sentido **latitudinal** (horizontal) foram criadas 15 capitanias. Foram entregues a 12 donatários (aparentemente não era um bom negócio: Difícil, perigoso e com vantagens duvidosas). Entre os donatários não figurava nenhum nome da alta nobreza ou do grande comércio de Portugal, o que mostrava que o empreendimento não era economicamente atraente. Somente alguns elementos da pequena nobreza que haviam enriquecido através de negócios recentes com o oriente. Gente “miúda”.



Os donatários vinham com dois documentos jurídicos emitidos pelo próprio rei: **A carta de doação** e o **foral**. Nos dois documentos o rei praticamente abria mão de sua soberania e conferia aos donatários amplos poderes. E tinha de ser assim, pois os donatários deveriam desenvolver a terra às próprias custas **o regime de capitanias hereditárias transferia para a iniciativa particular a tarefa de povoar e investir no Brasil**. Porém, em razão da dimensão colossal da tarefa e da escassez de recursos, a maioria falhou. Ainda tinham aqueles que preferiram não arriscar sua fortuna, e nem vieram tomar posse de sua capitania. Somente a

Capitania de Pernambuco obteve êxito, além do sucesso **temporário** de São Vicente. Estava claro que o povoamento e a valorização econômica da terra por meio da iniciativa particular eram inviáveis. As capitanias fracassaram (mas não foram extintas, só no século XVIII, pelo Marquês de Pombal, que estudaremos mais à frente). Não só devido ao elevado investimento necessário, mas também pela distância da metrópole, pela resistência dos indígenas e pela elevada **descentralização administrativa**.



Carta de doação: O rei declarava a doação e tudo o que ela implicava, como por exemplo os amplos poderes do capitão donatário.

Foral: Era uma espécie de código tributário que estabelecia impostos e deveres como o de conceder as **Sesmarias**.

Sesmarias: Grandes propriedades de terra que eram concedidas pelo donatário, a quem se interessasse desde que fosse católico e se comprometesse a cultivar cana. Podiam ter muitos milhares de hectares. Essas grandes propriedades doadas do início da colonização até a época da independência estão na matriz da distribuição da terra que temos hoje no país, calcada ainda no **latifúndio**. 1% do número de propriedades rurais ocupam 50% do espaço agrícola.

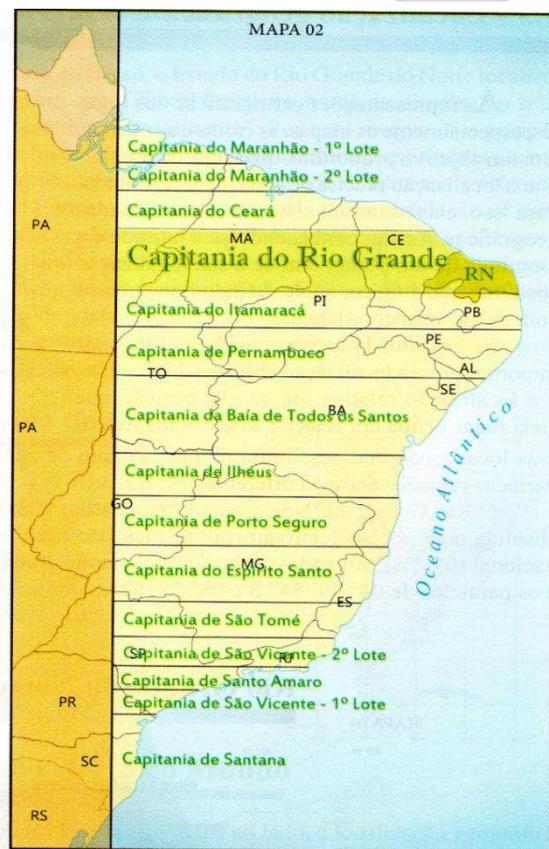
3.2. A CAPITANIA DO RIO GRANDE

A Capitania do Rio Grande (depois Rio Grande do Norte) foi doada a **João de Barros e a Aires da Cunha**.

Quando o Brasil foi dividido em capitanias, a capitania do Rio Grande coube ao historiador João de Barros, alto funcionário do governo português, e a Aires da Cunha, fidalgo que destacou-se lutando contra piratas e corsários. João de Barros, pela proximidade que tinha com o trono, era um “candidato natural” para o recebimento de um lote no Brasil. Na verdade, ele não recebeu uma, mas “duas donatarias – embora ambas não lhe tenham sido concedidas para usufruto exclusivo, e sim em parceria com o navegador Aires da Cunha” (EDUARDO BUENO).

Media uma delas, a capitania do Rio Grande, 100 léguas de costa, desde a Baía da Traição até o rio Jaguaribe. Era uma das maiores, incluindo parte dos estados da Paraíba e do Ceará e fazendo limite para o interior com o meridiano de Tordesilhas. Outras 50 léguas foram doadas a João de Barros e Aires da Cunha, mais para o norte, onde hoje seria parte do estado do Maranhão. Contudo, há divergência sobre os limites da capitania, pois a Carta de Doação foi extraviada.





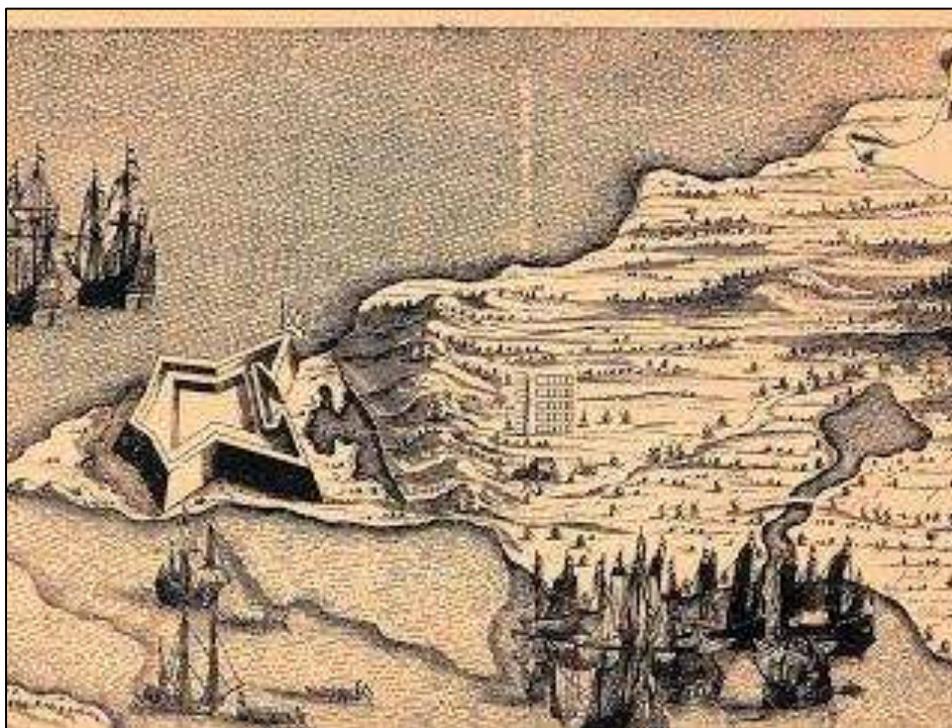
Fonte: Atlas Escolar do Rio Grande do Norte - Felipe, Rocha e Carvalho – 2011.

Quanto ao nome - Rio Grande, para Cascudo (1999), procede da percepção que os portugueses tiveram do rio Potengi, correndo “largo e manso”, em “curva serena” na direção do Refoles, como era conhecida a paragem, ou “aguada”, (porto em que se ancora o navio e se reabastece) do corsário francês Riffalt. Tarcísio Medeiros (1985) diz que o Rio Grande do Norte ficou conhecido primeiro pelo nome de rio dos Tapuios, mais tarde pelo de rio Potengi e finalmente por Capitania do Rio Grande.





Refoles ou Rifolis era o nome dado ao local onde Jean Jacques Riffault ancorava o seu navio. Riffault era o mais ativo traficante francês de pau-brasil. Foi o mesmo Refoles quem negociou antes da descoberta do Brasil (sic) com os índios potiguares espelhos, tintas e outros objetos em troca de pau-brasil, de modo especial as existentes na margem direita do rio Potengi. Essa foto mostra o local onde ficava o corsário francês a negociar com os silvícolas. Longe da colonização de Natal, Jacques Riffault negociou toda sorte de suprimentos e até as mulheres índias que partiram para a França.



Gravura holandesa VEROVINGE VAN RIO GRANDE IN BRAZIL ANO 1633. Mostra a Fortaleza dos Magos e o Refoles. O lugar corresponde hoje ao bairro do Alecrim em Natal, e é uma das mais antigas povoações do Brasil.

3.3. A CONQUISTA DO RIO GRANDE DO NORTE E A RESISTÊNCIA DOS POTIGUARES

Na época da descoberta do Brasil, a população nativa era formada por diversos grupos tribais, que alguns antropólogos tratam como nações indígenas. No litoral norte-rio-grandense habitavam os índios potiguares, que se destacavam pela forte resistência em relação aos avanços das esquadras portuguesas. Os portugueses enfrentaram grandes dificuldades para desembarcar e povoar o território.

Desde os primeiros contatos, narrados por Gonçalo Coelho os índios potiguares resistiram aos portugueses. Alguns historiadores acreditam que as notícias passadas por entre as tribos, de que os portugueses queriam subjugar e escravizar os índios, chegaram até eles. Sabiam das





quebras das relações de troca que já vinham ocorrendo nas regiões limítrofes ao sul, como em Pernambuco. Achavam que eles vinham “assaltar”, retirando-lhes a terra, tornando-os cativos. Por esses motivos, os índios resistiam e rejeitavam os portugueses. A cultura indígena é fundamentalmente guerreira e não se subjugavam. Alguns contatos com missionários e franceses eram foram pacíficos.



Com a colonização do território brasileiro, os portugueses implantam a agroindústria do açúcar, e o indígena passou a ser a força de trabalho e ao mesmo tempo, o grande entrave da colonização.

Para realizar a conquista e a colonização do Rio Grande (e do Maranhão), João de Barros e Aires da Cunha associaram-se a Fernão Álvares de Andrade (donatário da Capitania do Maranhão). Em 1535, Aires da Cunha veio à Capitania do Rio Grande (do Norte), juntamente com os filhos de João de Barros, Jerônimo e João. Organizaram em Portugal a expedição com destino ao Brasil. Foi uma das maiores já formadas na época, com dez navios (cinco naus e cinco caravelas). A tentativa de desembarque na Capitania foi frustrada, nas proximidades da foz do rio Ceará-Mirim. Aires da Cunha e seus homens foram rechaçados pelos índios potiguares, que estavam aliados aos franceses. Aires da Cunha, durante a expedição que seguiu até o Maranhão, veio a falecer quando sua nau foi destruída em um dos rochedos da região.

Ao retornarem, os filhos de João de Barros tentaram fixar-se na Capitania do Rio Grande, mas foram rechaçados novamente pelos indígenas. Os poucos homens que se aventuraram por terra foram mortos pelos índios. Anos depois, houve nova tentativa de colonização, quando foi organizada uma segunda expedição comandada pelos filhos de João de Barros, que também foi desastrosa.

João de Barros, na tentativa de ocupar e colonizar o Rio Grande, gastou uma quantia considerável, ainda assim, o donatário continuou parcialmente interessado na capitania, assegurando-se dos seus limites e administrando-a através de um procurador, Antônio Pinheiro, que ficou em Igarauçu (Pernambuco), arrendando trechos de seu território para a extração do pau-brasil ou coleta de búzios (na atual praia de Búzios). Mas nunca tomou posse dela, revertendo a cessão da capitania à coroa portuguesa na segunda metade do século XVI.

Devido ao abandono a que foi relegada a Capitania do Rio Grande e ao endividamento de João de Barros, a coroa portuguesa resolveu intervir diretamente, perdoando a dívida contraída com a primeira expedição (1535). Conforme Medeiros Filho (2001) presume-se que a **Capitania do Rio Grande tenha sido revertida de hereditária para real em 1582.**





PRESTE MAIS
ATENÇÃO!!

Grande parte do Brasil, principalmente ao norte da Capitania de Pernambuco (Paraíba e Rio Grande do Norte), não foi povoada pelos colonizadores portugueses (devido ao fracasso das capitanias), sendo constantemente ameaçada de invasão por outras nações europeias, principalmente pelos franceses, que associados aos índios tinham fácil acesso ao litoral.

Mas, o sucesso da produção açucareira nas Capitanias de Pernambuco e da Bahia, paralelamente à contínua presença francesa no litoral ao norte de Pernambuco (Paraíba e Rio Grande do Norte), levou a Coroa Portuguesa a patrocinar expedições militares para afastar os invasores, pois **os franceses praticamente ocuparam todo o litoral ao norte de Pernambuco, inclusive a Capitania do Rio Grande (do Norte)**. A região era de **grande importância estratégica**, pois **facilitava a conquista do litoral norte do Brasil** e abria **caminho para a região amazônica**.



HORA DE
PRATICAR!

2. No sistema de Capitanias Hereditárias, houve algumas experiências bem-sucedidas, como foi o caso de São Vicente e Pernambuco. Um fidalgo português recebeu o benefício da capitania do Rio Grande do Norte e veio empreender a tomada de suas terras e colonização. Iniciou a longa luta contra os índios potiguares que muito resistiram as tentativas de colonização. O beneficiário retornou para Portugal, e manteve seu controle através de um procurador, responsável pelo arrendamento das terras para a exploração da madeira. O primeiro beneficiário da capitania do RN foi:

- A) João Santana.
- B) João de Barros.
- C) Martim Afonso de Sousa.
- D) Duarte Coelho de Barros.
- E) Tomé de Barros.

Comentários

Questão direta e factual. O primeiro donatário da capitania do RN foi João de Barros e Ayres da Cunha. Avançou na conquista do território, combatendo os indígenas – a guerra contra os



bárbaros – e acabou por retornar a Portugal e a capitania retornou à coroa portuguesa. Empreendeu duas grandes expedições de conquista, mas não tiveram êxito. Retornou à Portugal de onde manteve o controle jurídico das terras que arrendava para a extração de Pau Brasil.

Gabarito: B



Capela de Nossa Senhora das Candeias - Engenho Cunhaú - Canguaretama-Rio Grande do Norte

3.4. O GOVERNO GERAL

Diante do fracasso das capitanias, em 1548 foi criado o **Governo Geral**, através de um instrumento jurídico denominado Regimento de 1548 ou Regimento de Tomé de Souza. A criação do Governo Geral tinha como objetivo a **centralização política e administrativa, mas não aboliu o regime de capitanias**. A sede administrativa do governo geral seria a cidade de Salvador, que se tornou a primeira capital do Brasil. A capital da colônia foi transferida por Marquês de Pombal para o RJ (para o poder político ficar próximo ao poder econômico) e o governo geral durou até a vinda da família real em 1808. O governador geral tinha a obrigação de centralizar a administração, estimular o povoamento, proteger as capitanias contra as adversidades e destacava a luta contra a resistência tupinambá. Foram criados também, para auxiliar o governo, os cargos de **Ouvidor-Mor** (justiça), **Provedor-Mor** (finanças) e **Capitão-Mor** (Defesa).

3.5. OS PRIMEIROS GOVERNADORES

- ✓ **Tomé de Souza** (1549-1553). Foi primeiro governador Geral. Com ele vieram todos os funcionários necessários à administração e também os **primeiros jesuítas**. Teve início então a obra de evangelização dos indígenas. É criado o **primeiro Bispado do Brasil**: o Bispado de Salvador, sob a responsabilidade do Bispo D. Pero Fernandes Sardinha.



O navio do Bispo Sardinha naufragou perto da costa e foi capturado pelos índios Caetés, que são antropofágicos, e foi comido por eles. Este episódio serviu como justificativa de que os indígenas eram perigosos e demoníacos, pois comeram um “homem de Deus”.

- ✓ **Duarte da Costa** (1553-1558). Enfrentou várias crises em seu governo. Teve que enfrentar os primeiros conflitos entre povoadores e jesuítas em torno da escravidão indígena, além disso, foi durante seu governo que a França iniciou a tentativa de estabelecer a *França Antártica* no Rio de Janeiro.
- ✓ **Mem de Sá** (1558-1572). Consolidação do governo Geral e expulsão dos Franceses. Os governadores gerais eram homens investidos de muito poder. A partir de 1720 o cargo passou a ser chamado de vice-reinado.

3.6. AS CÂMARAS MUNICIPAIS

As dificuldades de contato entre as diferentes regiões e a capital Salvador, criavam uma situação em que o **localismo político** era estimulado. Os poderes e os homens do Estado Português estão sempre muito longe, então os principais centros de decisão eram de fato as **Câmaras Municipais**. Elas se localizavam nas Vilas mais importantes. Os poderes locais eram representados pelos grandes proprietários, que se autodenominavam “**homens bons**”.





ACORDE!!

A Câmara Municipal de Natal foi fundada ainda no período colonial, em 1611, sob o nome de Senado da Câmara, instaurada por decreto do governador geral do Brasil, Diego Meneses, e estabelecida na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, atualmente localizada no bairro Cidade Alta. O Senado da Câmara era composto por um vereador, um juiz, escrivães, procuradores e alguns outros cargos com funções relacionadas àquele período. A instituição passou a se chamar Câmara Municipal somente em 1823, após a independência e a elaboração da primeira Constituição brasileira.

Fonte: <http://www.cmnat.rn.gov.br/p/historia>

A administração colonial era bastante complicada, principalmente devido à dificuldade de locomoção (o litoral brasileiro é planáltico e com vegetação de Mata Atlântica), devido a carência de infraestrutura, então inclusive era difícil fazer cumprir-se o **exclusivo colonial**. Mais mudanças estariam por vir na administração colonial. Portugal em 1580 passou por uma crise sucessória em seu trono, e o reino português é unificado ao reino espanhol. É o período conhecido como **União Ibérica**, que durou de 1580 até 1640. Falaremos mais abaixo sobre este importante momento, que foi quando foi construída a fortaleza dos Magos e quando os holandeses que invadiram e colonizaram Pernambuco, atacaram o litoral potiguar, e tomaram a fortaleza. Volto quando falar de açúcar e os holandeses logo, logo.



HORA DE
PRATICAR!

3. Sobre o Governo Geral, instalado no Brasil pelo regimento de 1548, pode-se afirmar que

- A) acabou, de imediato, com o sistema de capitanias hereditárias.
- B) teve total sucesso ao impor a centralização política em toda a colônia, como forma de facilitar a defesa do território.
- C) teve curta duração, pois foi dissolvido durante a ocupação francesa do Rio de Janeiro, em 1555.
- D) durou até 1808, apesar de, a partir de 1720, os governadores passarem a ser chamados de vice-reis.
- E) adotou, desde o início, o Rio de Janeiro como única capital, em virtude do grande sucesso da cultura canavieira nas províncias do Rio de Janeiro e São Paulo.



Comentários

- A) Errado. Centralizou as capitanias, que só foram extintas em 1759.
- B) Errado. A administração colonial, por mais empenho que tenha tido alguns governadores, era muito precária, principalmente devido às grandes distâncias e dificuldades de comunicação.
- C) Errado. Durou até a transferência da corte em 1808 e os franceses foram expulsos por um dos primeiros governadores gerais, Mem de Sá.
- D) Correto.
- E) Errado. A primeira capital foi Salvador, depois RJ.

Gabarito: D

3.7. OS PADRES JESUÍTAS



VICTOR MEIRELLES: *Primeira missa no Brasil*, 1860.
Óleo sobre tela, 268 x 356 cm.
Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.

Os Padres da *Cia. De Jesus* eram também conhecidos como **soldados de batina**. O apelido é porque a ordem jesuítica possuía uma organização e preparo militar, e por seu fundador, Inácio de Loyola, ter sido oficial militar. Fundavam no Brasil (e em todo o mundo colonial português) as Missões jesuíticas, incumbidas de catequizar os nativos e protegê-los nas **Missões, ou colégios jesuíticos**. Não foram raras as situações em que expedições de **bandeirantismo** atacavam as missões querendo escravizar seus indígenas, que já eram cristianizados e ensinados ao trabalho. As missões jesuíticas ocuparam além do litoral, o sul do Brasil na fronteira com Argentina, e principalmente na região amazônica. As missões jesuíticas tiveram um importante papel na

ocupação do nosso território, muitas vezes servindo a Portugal como ponto de demarcação de fronteiras. Ao longo do rio Amazonas, foram penetrando no interior. Essas missões amazônicas treinavam e usavam os indígenas como mão de obra (não escrava), para coletarem as **drogas do sertão**. Drogas do sertão eram ervas medicinais, coletadas em meio a floresta e vendidas para a Europa. Eram valiosas como as especiarias asiáticas.

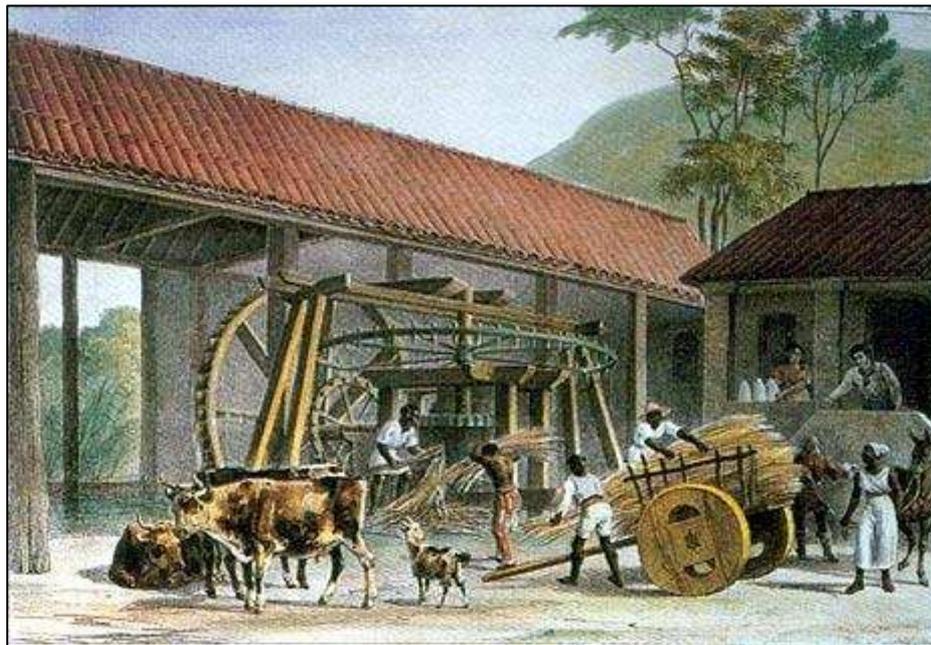
O catolicismo colonial é tipicamente popular, ou seja, era menor a presença dos elementos católicos tradicionais romanos e maior a presença de elementos africanos. A colônia carecia de clérigos e era muito grande o território, com várias vilas para os poucos padres. Quando chegavam à um arraial tratavam de pôr em dia os ritos: rezavam missa, casavam os casais pretendentes e os em concubinato (sem a celebração religiosa), batizavam todas as crianças e ensinavam às lideranças populares locais as principais datas, celebrações e festas religiosas. As festas eram o principal espaço de sociabilidade colonial, o momento do ano em que as pessoas se encontram, pois todos vivem isolados e distantes nas fazendas e são raras as oportunidades de encontro. O principal elemento propagador do catolicismo eram as confrarias religiosas, irmandades leigas que ficavam encarregadas das principais celebrações, como romarias, missas e festas. Os escravos tinham suas próprias confrarias, um importantíssimo espaço de vivência –e sobrevivência- dos negros. Em geral as confrarias negras eram irmandades religiosas devotadas à “Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos pobres”. Os principais santos de devoção eram são Benedito e Nossa Senhora Aparecida. Essa forma de reprodução do catolicismo fez com que ele se envolvesse de muitos elementos africanos que nos legaram manifestações culturais como a Congada e Folia de Reis (festa tradicional portuguesa) e as cavalhadas, hoje tombadas como patrimônio histórico imaterial pelo IPHAN (instituto do patrimônio histórico e artístico nacional). Eram usadas estratégias de conversão como, por exemplo, imagens de santos negros ou a associação de santos católicos com divindades do candomblé.



4. A IMPORTÂNCIA DO AÇÚCAR PARA A ECONOMIA LOCAL.

4.1. POR QUE A CANA?

A opção por cultivar a cana de açúcar ocorreu por várias razões que vamos enumerar:



1. Havia uma alta demanda na Europa pelo açúcar e seus preços eram altos.
2. A cana é um vegetal asiático, da Índia, que possui clima quente e úmido. Se adaptou muito bem ao clima do litoral nordestino (tropical úmido), e ao solo fértil da região (solo de massapé).

Clima tropical úmido: É o clima da região do litoral nordestino, a zona da mata. É quente e úmido e sofre influência da umidade oceânica, e no inverno da massa polar atlântica, que provoca chuvas de inverno.

Solo de Massapé: É o solo encontrado na zona da mata. Solos são rochas desagregadas, misturada com material orgânico e micro-organismos. Ele é o resultado da desagregação de duas rochas: a gnaisse e o calcário. É um solo profundo e fértil.

3. O financiamento da produção, transporte, refino e distribuição no mercado europeu do açúcar era realizado por holandeses.

A opção pela cana de açúcar tinha como objetivo garantir o máximo de lucro para a metrópole, que no contexto do início da colonização, encontrava-se em crise econômica e **transferiu os gastos da colonização para a iniciativa privada** através das capitanias hereditárias e dependia do financiamento e infraestrutura holandesa. Os flamengos (holandeses) ficavam,

portanto, com as atividades mais lucrativas que envolviam o comércio internacional do açúcar. A relação com os holandeses era intensa e pacífica até 1580, quando ocorreu a **União Ibérica**. A união entre os dois reinos, Portugal e Espanha, sob domínio espanhol. Durante o período da União Ibérica os holandeses foram proibidos de participar da atividade açucareira no Brasil por serem inimigos da Espanha. Neste contexto invadiram Salvador e depois Pernambuco. A expulsão dos holandeses em 1654 está ligada à decadência da cana de açúcar. Não há dúvidas da importância da atividade açucareira para a Holanda, mas vale ressaltar que nunca se ocuparam da produção. Nunca foram donos de um só engenho no Brasil, nem mesmo no período em que invadiram e permaneceram em Recife, atual capital de Pernambuco. Sempre se comprometeram com o financiamento, frete e comércio, principalmente.

Os engenhos foram instalados destacadamente em **Pernambuco**, Bahia, pequenas faixas territoriais maranhenses, no Rio Grande do Norte e **São Vicente**, litoral de São Paulo. O modelo de produção adotado foi o **Plantation**, cujas características são:

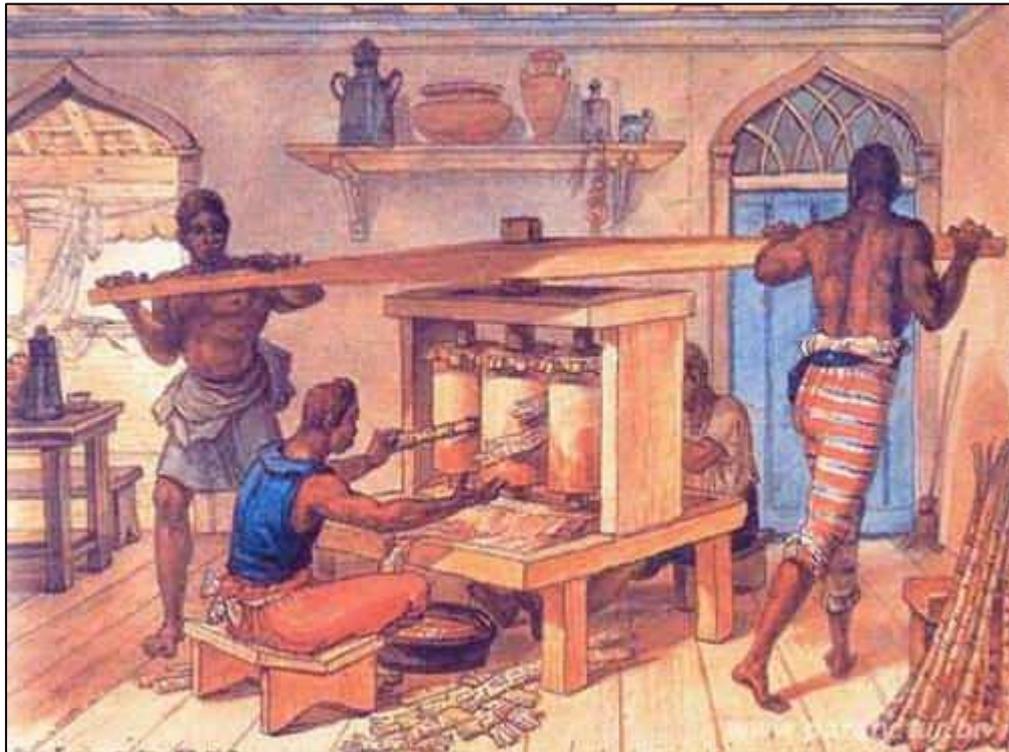
1. **Monocultura** (só se cultivava cana de açúcar).
2. **Exportação** (o objetivo é atender a demanda do exterior, no caso a metrópole).
3. **Latifúndios** (grandes extensões de terra).
4. **Escravidão** (Mão de obra escrava africana).



4.2. A ESCRAVIDÃO E O COMÉRCIO ATLÂNTICO

A escravidão africana **foi uma opção devido a um mercado extremamente lucrativo que era o comércio de africanos**, pois a demanda de braços era tão grande quanto a demanda por

açúcar. Movimentava um mercado (o mercado atlântico de escravos), Valiosíssimo. Por que não escravizar o índio? Pergunta você. Mas você deve se lembrar que a Igreja Católica se posicionou através de Bulas Papais e na expansão e colonização da América, contra a escravidão do **gentio** (nativo, indígena). E não movimentava um mercado tão lucrativo e estruturado, que era o comércio de africanos.



Quanto ao negro, a escravidão era denunciada por alguns religiosos, mas como um todo, era tolerada e aceita, e em todo o período colonial e do império brasileiro, era o sustentáculo da economia e elemento fundamental na organização da sociedade, pois todo o trabalho braçal, inclusive o de vestir seus senhores, era realizado por um cativo. A demanda por braços para o trabalho era muito grande, ao ponto de Portugal não conseguir atender a demanda. Isso gerou o comércio atlântico que fugia ao controle de Portugal: O tráfico negreiro. Os africanos escravizados eram transportados nos navios negreiros, cuja mortalidade era tão alta, que foram apelidados de navios tumbeiros. Eram descarregados no litoral nos mercados de escravos, onde eram vendidos, e dali seguiam para as fazendas. Para evitar a comunicação e rebeliões, separavam as famílias e as tribos. Durante todo o tempo em que ocorreu a escravidão (1530-1888), ocorreu também a **resistência africana**. Resistiam através de suicídios, abortos, levante contra seus senhores, fugas e a formação de Quilombos. Durante as invasões holandesas, durante resistência dos colonos na primeira invasão na Bahia estimulou muito o surgimento de quilombos. **O famoso quilombo dos palmares surgiu em meio ao contexto das invasões holandesas.**

É muito importante destacar o que as pesquisas mais recentes nos mostram. Num engenho, que era uma empresa colonial, eram usados africanos escravizados, mas também mão de obra especializada e livre (mestiços ou portugueses que dominavam o processo de produção do melaço da cana). Então lembre-se que apesar de predominar o trabalho escravo, existia o livre especializado (em pequena escala).



4. Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio — e mais tarde de negro — na composição. Sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consciência de raça, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política. Menos pela ação oficial do que pelo braço e pela espada do particular. Mas tudo isso subordinado ao espírito político e de realismo econômico e jurídico que aqui, como em Portugal, foi desde o primeiro século elemento decisivo de formação nacional; sendo que entre nós através das grandes famílias proprietárias e autônomas; senhores de engenho com altar e capelão dentro de casa e índios de arco e flecha ou negros armados de arcabuzes às suas ordens.

FREYRE, G. *Casa-Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

De acordo com a abordagem de Gilberto Freyre sobre a formação da sociedade brasileira, é correto afirmar que

- A) a colonização na América tropical era obra, sobretudo, da iniciativa particular.
- B) o caráter da colonização portuguesa no Brasil era exclusivamente mercantil.
- C) a constituição da população brasileira esteve isenta de mestiçagem racial e cultural.
- D) a Metrópole ditava as regras e governava as terras brasileiras com punhos de ferro.
- E) os engenhos constituíam um sistema econômico e político, mas sem implicações sociais.

Comentários

Gilberto Freyre é considerado por um grande número de pesquisadores como o maior interprete sobre a formação do Brasil, através de uma bela análise do nosso processo de formação social. Formou-se uma sociedade híbrida, ou seja, resultado da miscigenação do negro do índio e do europeu. Nossa sociedade foi formada no espaço da Casa Grande e da Senzala, em que se formou uma sociedade patriarcal. A coroa portuguesa sem recursos no momento da colonização, através do sistema de capitanias e a implantação dos engenhos transferiu os gastos da colonização para a iniciativa privada, pois todos os custos de instalação na colônia era feita com recursos privados.

Gabarito: A





5. A UNIÃO IBÉRICA, INVASÃO FRANCESA E A FORTALEZA DOS MAGOS.

Em 1580 Portugal viveu uma tragédia. O rei D. Sebastião, então com 14 anos, imbuído de um espírito cruzadista de combate ao islamismo, invadiu o Marrocos, no norte da África, e morreu nas primeiras investidas. Não deixou herdeiros. O parente mais próximo era um cardeal já octogenário, D. Henriques. Foi coroado e faleceu em seguida. O trono português passou a ser disputado pelos grandes monarcas europeus que reivindicavam a posse da Coroa Portuguesa. O imperador mais poderoso na época era Felipe II da Espanha, que anexou o território português com o apoio de parte da nobreza lusitana. Entre os anos de 1580 e 1640 ocorreu o que chamamos de **União Ibérica**: o período de 60 anos em que Portugal e Espanha foram um só reino. Foi neste período em que as invasões estrangeiras foram mais intensas. **Ocorreram invasões de Franceses e Holandeses. O litoral potiguar foi invadido por franceses que realizaram uma invasão em Filipeia da Nossa Senhora das Neves, na fortaleza de Cabedelo, em que hoje é João Pessoa.** Foram surpreendidos com a resistência militar e se retiraram rumo ao norte no litoral Rio Grandense. Formaram uma expedição para tomar o litoral do Rio Grande do Norte, e os portugueses João e Jerônimo de Albuquerque, descendentes do primeiro capitão de Pernambuco Duarte Coelho e Manuel de Mascarenhas, atacaram os franceses por terra e mar. A expedição terrestre foi quase toda exterminada pela varíola.

O litoral era todo habitado pelos potiguares (tupi-potiguar). Havia várias rivalidades entre os indígenas e essa fragilidade foi amplamente explorada pelos colonizadores, que se aliavam aos indígenas e os usavam em combates. Quando a expedição portuguesa chegou para expulsar os franceses, foram surpreendidos com a **aliança entre os franceses e os potiguares**. Através de batalhas custosas os lusitanos conseguiram avançar na tomada do território e para garantir sua posição, correram a construir uma fortaleza que teve início em 06 de janeiro de 1598. Era dia dos Santos Reis, e ficou popularmente conhecida como **fortaleza dos Reis Magos**.

A cidade de Natal foi fundada em 25 de dezembro de 1599. O Brasil estava sob domínio espanhol. Porém, antes da fundação de Natal, os colonos agruparam-se próximos à “Fortaleza dos Santos Reis” para melhor se defenderem dos índios, originando uma pequena povoação, posteriormente chamada de “Cidade dos Reis”.

5.1. A INVASÃO DOS HOLANDESES

A produção da cana de açúcar desde o início dependeu dos holandeses. Eram os grandes financiadores e responsáveis também pelo transporte, distribuição e refino. Enfim, ficavam com as atividades mais lucrativas. Os holandeses eram inimigos dos espanhóis. Foram território do império espanhol e havia pouco tempo tinham conquistado sua independência. Numa manobra





para atingir a Holanda, o rei Felipe II da Espanha proibiu a participação da Holanda em qualquer negócio português ou espanhol.

Foram retirados do lucrativo comércio açucareiro, então os holandeses planejaram a invasão dos territórios espanhóis. Foi criada a WIC (companhia das Índias Ocidentais) e invadiram primeiramente Salvador em 1624. Foram expulsos e invadiram novamente Pernambuco. Após uma resistência inicial acomodaram-se oferecendo vantagens como a liberdade religiosa e a continuidade dos financiamentos, bem como a garantia do direito de propriedade. Os holandeses dominaram de Pernambuco ao Rio Grande do Norte, num território relativamente descentralizado, pois criaram 4 administrações. **O relevo e a posição facilitaram a conquista dos holandeses. Seu litoral é extenso e o mais oriental do país, e o forte português fora construído no litoral, de fácil acesso. O Rio Grande do Norte era submetido à administração de Recife.** Os holandeses criaram juntas governativas em que permitiam a participação de portugueses: Eram as **câmaras dos Escabinos**. Para a conquista do território potiguar, os holandeses realizaram quatro incursões militares, somente conquistaram o forte dos magos, que foi rebatizado de forte Ceulen, e a cidade de Natal passou a ser chamada no período holandês de **nova Amsterdã**. O Período Holandês foi relativamente tranquilo, mas engana-se quem imagina que não usaram de muita violência. Aliaram-se aos indígenas como faziam os portugueses e **realizaram vários massacres**, entre eles destacam-se o dos **Uruaçu** e **Cunhaú**. Em 1645 já era o fim do domínio holandês e os flamengos tinham negociado a saída do território. Aí as relações pacíficas e tolerantes de até então acabaram. Os conflitos passaram a ocorrer com frequência e ocorreram atrocidades como foram os dois massacres citados. Em Uruaçu, comunidade de São Gonçalo do Amarante um comandante holandês mandou os católicos todos para dentro da Igreja e pôs fogo com todos dentro. Os conflitos religiosos até então controlados começaram a ocorrer.

*"O massacre de Uruaçu ocorreu meses depois do de Cunhaú, em 3 outubro de 1645. O massacre como um todo pode ser dividido em duas partes: o assassinato de alguns prisioneiros de guerra (aproximadamente 10), quando de sua transferência da Fortaleza de Santos Reis (**Castelo de Ceulen**, como chamavam os holandeses) para Uruaçu, e o ataque executado pelos índios àquele povoado, matando a população do engenho e do povoado, com requintes de crueldade, e destruindo as suas edificações. Antes do massacre, alguns habitantes de Uruaçu recusaram as consolações de um pastor protestante, e despediram-se dos filhos, irmãos, esposas e pais. Um dos chacinados, Mateus Moreira, teve o coração arrancado pelas costas; uma senhora teve os pés e as mãos cortados, sobrevivendo alguns dias a esses suplícios; uma menina teve a cabeça partida ao meio; todos, após serem mortos, tiveram os corpos desfigurados. Estima-se que morreram 80 pessoas em Uruaçu".*

(Medeiros Filho 1989).





ESCLARECENDO

O período que o Rio Grande do Norte foi colonizado por holandeses, não ocorreu crescimento econômico. No máximo restou uma triste lembrança, como diria o historiador Tavares Lyra. A criação de gado teve mais destaque que a produção de açúcar, além de um enorme levante indígena contra a colonização portuguesa que passou a penetrar no interior potiguar.

Os massacres foram atribuídos à intolerância religiosa, pois foi um massacre de católicos. Em 1998 o então Papa João Paulo II **beatificou os mártires brasileiros** que morreram na guerra contra os holandeses. O Vaticano está convencido que preencheram os três requisitos para se tornar um mártir: morreram defendendo a fé católica, foram torturados e não reagiram.





6. TEXTO COMPLEMENTAR.

Um tema sempre destacado na produção histórica e nos concursos do Rio Grande do Norte é a participação feminina. As guerras contra os holandeses contaram com a participação de uma indígena **Clara Camarão**, católica batizada, casada com o Índio Poti, um dos heróis da Batalha dos Guararapes, em que os holandeses foram expulsos.

“Pertencente à tribo potiguar que habitava a margem esquerda do rio Potengi, Clara Camarão nasceu provavelmente em Aldeia Velha, arredores de Natal, na segunda metade do século XVII. Não há registro do local e data de sua morte. A bela índia que se sobressai nos primeiros capítulos da nossa História recebeu o nome de Clara Camarão ao se batizar e casar com Antônio Felipe Camarão, o índio Poti, da nação potiguar, herói da guerra contra os holandeses. Depois de casada, Clara passou a acompanhar o marido em todos os combates. Guerreira, rompeu a secular divisão de trabalho da tribo ao se afastar dos afazeres domésticos, no tempo necessário, para participar de batalhas. Dominava o arco e a flecha, a lança e o tacape. Montada a cavalo, investia contra as espadas e os arcabuzes do inimigo. Como não podia lutar lado a lado com o marido, proibição imposta pelos costumes tribais, formava um pelotão de índias potiguares sob seu comando. Segundo Abreu e Lima, Clara Camarão, de uma valentia incrível, afrontou todos os perigos, castigou por muitas vezes o inimigo e penetrou nos mais cerrados batalhões. Ao passo que combatia, exortava os soldados a cumprir os seus deveres, prometendo-lhes vitória, dando assim o exemplo a muitas outras mulheres que procuravam imitá-la. Clara e Felipe Camarão tiveram participação heroica em vários confrontos contra o domínio holandês. Uma das batalhas mais memoráveis foi a de Porto Calvo, em 1637. As tropas do príncipe Maurício de Nassau já haviam incendiado Olinda, quando Clara Camarão, à frente de índias potiguares, combateu os holandeses com uma bravura que não conhecia limites. A primeira batalha dos Guararapes, em 1648, decisiva para a vitória das tropas luso-brasileiras contra os holandeses, foi a última em que Clara Camarão participou ao lado do marido. Nesse episódio, o general flamengo Arciszewski registrou que, em 40 anos de combate em campos da Europa, somente um inimigo, o índio Felipe Camarão, conseguira abater o seu orgulho. O bravo Poti, capitão-mor dos índios do Brasil, morreria de malária, em Pernambuco, meses depois dessa batalha. Clara Camarão recolheu-se à viuvez e ao anonimato. É provável que tenha voltado a Aldeia Velha, hoje Igapó, onde viveu mais alguns anos.

Fonte: A Mulher Potiguar – Cinco Séculos de Presença. Natal-RN, Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine-CEPEJUL, Fundação José Augusto, 1999. APUD http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/secretaria_extraordinaria_de_cultura/DOC/DOC00000000106241.PDF





7. EXERCÍCIOS.



1. (BM-RN/2006)

A fundação da Vila de Natal se deu

- A) no final do século XVI, quando outras vilas, a exemplo de São Cristóvão, foram criadas no litoral brasileiro para efeito de posse e povoamento.
- B) por determinação da Companhia de Jesus aliada aos interesses dos armadores das Companhias de Comércio internacional.
- C) após a expulsão das nações indígenas que estavam impedindo a exploração do pau-brasil na região.
- D) por acordo entre colonizadores e judeus estabelecidos na região desde os primórdios da colonização.

Comentários

A fundação de Natal ocorreu no contexto da guerra contra os bárbaros. A posse de territórios era feita com marcos de pedra, como o de Touros.

Gabarito: C

2. (FCC – MPE/RN – 2010)

Durante a União Ibérica, a Capitania do Rio Grande do Norte passou a fazer parte do interesse expansionista de Filipe II da Espanha, tendo em vista

- A) o sucesso da economia de subsistência praticada pelos índios potiguares no interior da capitania, cuja produção poderia fornecer altos lucros no mercado consumidor de produtos tropicais.
- B) a constante invasão de povos estrangeiros na capitania, particularmente de holandeses, que estabeleciam fortes laços de aliança com os indígenas da tribo potiguar no sertão nordestino.
- C) a posição geográfica da capitania, que possibilitava acesso estratégico à colônia e exploração de todas as terras da costa brasileira, especificamente da região nordestina.
- D) a necessidade de expansão da colonização e a implantação de núcleos de povoamento, a organização e a criação de órgãos administrativos capazes de promover a expulsão dos franceses da capitania.
- E) o fracasso do sistema de capitanias hereditárias que favorecia incursões estrangeiras, principalmente francesas, na capitania que colocavam em risco o domínio espanhol em terras brasileiras.





Comentários

Em 1580, a partir do domínio das colônias portuguesas pela Espanha com a União Ibérica, os holandeses perderam seus lucrativos negócios. Para recuperá-los, no século XVII, invadem e exploram o território colonial brasileiro – a costa do Nordeste. Invadiram Pernambuco e depois as capitanias ao norte. Entre elas, a do Rio Grande em 1633, a qual ficou sob seus domínios por mais de duas décadas.

O interesse dos holandeses era dominar e explorar economicamente a região, eliminando qualquer resistência, quer política, quer religiosa, para garantir a exploração econômica. Esse domínio foi marcado pela intolerância política e religiosa, pela resistência dos luso-brasileiros à aceitação da dominação holandesa e à conversão religiosa ao protestantismo.

A Capitania do Rio Grande, por sua posição geográfica, tinha uma situação de centro abastecedor. A administração holandesa no Rio Grande, subjugou os colonos pelas armas, garantido o fornecimento de carne bovina e de farinha para os holandeses em Pernambuco, assegurando sua permanência.

Quanto ao aspecto religioso, o período do governo de Maurício de Nassau no Nordeste foi marcado pela tolerância religiosa, contudo, após sua partida do Brasil (1644), os holandeses, que eram protestantes, passaram a perseguir os católicos, provocando uma disputa religiosa entre o Catolicismo e o Calvinismo. Mas os colonos se recusavam a mudar de crença. Isso acendeu o estopim dos massacres na Capitania do Rio Grande, como os ataques aos engenhos de Cunhaú, Uruaçú e Ferreiro Torto, nos quais os holandeses combateram os colonos.

Logo a resposta correta da questão é a alternativa “B”, pois os holandeses provocaram diversos episódios de conflitos nesse período para impor e garantir seu domínio e a exploração econômica da Capitania.

Gabarito: B

3. (COMPERVE/PREFEITURA MUNICIPAL DE NÍSIA FLORESTA/2016 – PROFESSOR DE ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS – HISTÓRIA)

Assim como ocorreu em todo o Brasil no processo de ocupação territorial pelos portugueses, na Capitania do Rio Grande, “a base do poder político estava na propriedade da terra.

Durante 290 anos, ou seja, de 1530 a 1820, vigorou o sistema sesmarial, através do qual o acesso à terra se dava por doação da coroa portuguesa de vastas porções de terra – as sesmarias –, que passaram a ser transmitidas por herança. Mas, junto com esse sistema, desenvolveu-se uma outra forma de aquisição de terras que foi a posse, ou ocupação, pura e simples, de grandes áreas por muitos senhores rurais.”

(MONTEIRO, Denise Mattos. Introdução à história do Rio Grande do Norte. Natal: Cooperativa Cultural, 2002. p. 181.)

Analisando as consequências da realidade histórica referida no fragmento textual, constata-se:

A) a sobreposição de prerrogativas vinculadas a círculos restritos da sociedade.



- B) a inviabilização do princípio da livre concorrência entre as classes proprietárias.
- C) o antagonismo entre donos de terras e lideranças oligárquicas, controladoras do eleitorado rural.
- D) o direito à compra da terra, assegurado às pessoas que as desejassem adquiri-las.

Comentários

Com o objetivo de povoamento e desenvolvimento econômico do Brasil, e inclusive da Capitania do Rio Grande, a política de concessão de sesmarias foi o modo de obtenção de terras durante o período colonial. Extensos lotes de terras eram doados e transmitidos por herança. Além de atuar como forma de acesso à terra e ao poder entre os colonos, o sistema contribuía para reforçar o poder central, exercido pelo Estado. As terras eram concedidas a quem tinha condições de investimentos. Contudo, isso não significava que não havia participação na colonização de homens de poucos recursos de investimentos. Mas, também, a terra não era disponível para qualquer pessoa, assim, do capital político nascia a oportunidade para a ascensão social e econômica para estes. Desse modo, o período colonial foi marcado pela concentração de terra, renda e poder, o que limitava a posse de terra a círculos restritos da sociedade.

Gabarito: A

4. (Uern 2015)

Apesar da ênfase dada ao açúcar, a economia colonial não se esgotava nas plantações desse produto (...). Havia os pequenos produtores de alimentos que abasteciam os engenhos e as cidades (...). Nunca, desde o início da instalação da agroindústria, houve a diminuição do volume de açúcar produzido nas áreas a eles destinadas. (...)

As mais ricas regiões produtoras de açúcar da Bahia tinham muitos braços para o trabalho.

(Disponível em: <http://pequenaantropologa.blogspot.com.br/2011/07/fichamento-montagem-da-economia.html>.)

O texto se relaciona à economia colonial. Nesse contexto, o *plantation*, utilizado não só na América Portuguesa, mas também nas outras colônias americanas, foi caracterizado basicamente pelos seguintes elementos:

- A) Policultura, importação, latifúndio e colonato.
- B) Monocultura, balança comercial, parceria e escambo.
- C) Monocultura, latifúndio, exportação e trabalho escravo.
- D) Policultura, minifúndio, subsistência e trabalho compulsório.

Comentários

O *Plantation*, sistema de produção adotado variadas vezes na História, baseia-se em um tripé básico: **monocultura, latifúndio e trabalho escravo**. Complementa essa formação o mercado de produção ser voltado para o exterior, favorecendo a **exportação** dos produtos.

Gabarito: C





5. (Uern 2015)

A coroa portuguesa viu-se obrigada a implementar uma política de colonização que assegurasse o domínio sobre a colônia, principalmente após a frustrante tentativa do sistema de Capitanias Hereditárias. A centralização administrativa (governos-gerais) e o sucesso da empresa açucareira contribuíram para assegurar a posse do Brasil, porém não afastaram a constante ameaça aos domínios coloniais portugueses na América.

(Trindade, 2010.)

A capitania do Rio Grande do Norte foi palco de incursões de franceses e holandeses. Os franceses estabeleceram-se no nosso litoral para contrabandear Pau-Brasil e chegaram a usar o Rio Grande do Norte como base para ataques às capitanias vizinhas. É correto afirmar que os holandeses

- A) empreenderam o comércio de pedras preciosas e metais abundantes na região do Rio Grande do Norte.
- B) chegaram ao Rio Grande com a intenção de buscar as drogas do sertão, famosas na região e em toda a Europa.
- C) dominaram quase todo o Nordeste açucareiro e permaneceram em solo nordestino por, praticamente, duas décadas.
- D) foram os responsáveis pela pacificação dos índios e de sua utilização no trabalho das lavouras através da mita e da encomienda.

Comentários

A ocupação holandesa no Nordeste, ocorrida devido à União Ibérica e à independência dos Países Baixos, durou cerca de duas décadas, nas quais os holandeses assumiram o controle da produção açucareira na Colônia.

Gabarito: C

6. (Ufrn 2012)

Os estudos históricos sobre a formação do espaço norte-rio-grandense mostram que o povoamento do interior do Rio Grande do Norte intensificou-se a partir da segunda metade do século XVIII, época em que estava consolidado o povoamento português no litoral e a Europa entrava no processo da Revolução Industrial.

Nesse período, na capitania do Rio Grande, a organização socioeconômica das áreas do sertão foi marcada

- A) pelo estabelecimento de uma economia monocultora, em que o algodão conquistou as áreas antes destinadas à pecuária.
- B) pelo desenvolvimento da indústria têxtil, que aproveitava a matéria-prima de produção local.
- C) pela nítida separação dos vários setores produtivos e a especialização das atividades econômicas por grupos sociais.
- D) pela integração entre a pecuária, a produção algodoeira e as culturas de mantimentos.





Comentários

Na segunda metade do século XVIII, o Rio Grande do Norte, assim como outras capitanias da região Nordeste – a exemplo do Maranhão – encontravam-se ligadas à produção de algodão, já que as indústrias têxteis inglesas demandavam essa matéria-prima em larga escala. Por essa época, as colônias do sul das Treze Colônias inglesas da América do Norte, principais fornecedoras de algodão para a Inglaterra, estavam envolvidas com o processo de independência (a Revolução Americana), o que incentivou a entrada do algodão brasileiro no mercado inglês. A pecuária e a agricultura de abastecimento local completavam as atividades econômicas da região naquele período.

Gabarito: D

7. (CONSULTEC 2006 – CBM/RN)

A Capitania do Rio Grande, como era denominada no século XVI, foi doada a João de Barros no ano de 1535. Entretanto, a sua colonização não foi bem sucedida. Permaneceu aquela Capitania em situação de abandono, por parte dos colonizadores de 1535 a 1590 aproximadamente.

(MENDES JÚNIOR, 2005, p. 276).

A razão desse abandono está relacionada, dentre outros fatores, com

- A) o Acordo firmado entre os países ibéricos de permanecerem centrados de forma exclusiva na colonização das Capitanias do Departamento Sul.
- B) a presença dos franceses, concorrentes dos colonizadores ibéricos, no contexto da política econômica mercantilista.
- C) a presença de missionários protestantes alemães que se consideravam também com o direito às terras recém-descobertas.
- D) a aridez da região, o que impossibilitou a utilização dos recursos dos donatários a ela encaminhados pela Coroa portuguesa.
- E) o conflito da Armada Invencível, que desarticulou o Governo Metropolitano e empobreceu a nobreza portuguesa.

Comentários

Esta questão pode dar várias dúvidas. De cara podemos cancelar as alternativas [A], [C], [E]. A aridez não impossibilitou nada, pois os primeiros contatos foram litorâneos. Os franceses que visitavam frequentemente o litoral, se aliaram aos índios contra os portugueses e muitas batalhas foram entre portugueses e indígenas aliados aos franceses.

Gabarito: B





1. (BM-RN/2006)

A fundação da Vila de Natal se deu

- A) no final do século XVI, quando outras vilas, a exemplo de São Cristóvão, foram criadas no litoral brasileiro para efeito de posse e povoamento.
- B) por determinação da Companhia de Jesus aliada aos interesses dos armadores das Companhias de Comércio internacional.
- C) após a expulsão das nações indígenas que estavam impedindo a exploração do pau-brasil na região.
- D) por acordo entre colonizadores e judeus estabelecidos na região desde os primórdios da colonização.

2. (FCC – MPE/RN – 2010)

Durante a União Ibérica, a Capitania do Rio Grande do Norte passou a fazer parte do interesse expansionista de Filipe II da Espanha, tendo em vista

- A) o sucesso da economia de subsistência praticada pelos índios potiguares no interior da capitania, cuja produção poderia fornecer altos lucros no mercado consumidor de produtos tropicais.
- B) a constante invasão de povos estrangeiros na capitania, particularmente de holandeses, que estabeleciam fortes laços de aliança com os indígenas da tribo potiguar no sertão nordestino.
- C) a posição geográfica da capitania, que possibilitava acesso estratégico à colônia e exploração de todas as terras da costa brasileira, especificamente da região nordestina.
- D) a necessidade de expansão da colonização e a implantação de núcleos de povoamento, a organização e a criação de órgãos administrativos capazes de promover a expulsão dos franceses da capitania.
- E) o fracasso do sistema de capitanias hereditárias que favorecia incursões estrangeiras, principalmente francesas, na capitania que colocavam em risco o domínio espanhol em terras brasileiras.





3. (COMPERVE/PREFEITURA MUNICIPAL DE NÍSIA FLORESTA/2016 – PROFESSOR DE ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS – HISTÓRIA)

Assim como ocorreu em todo o Brasil no processo de ocupação territorial pelos portugueses, na Capitania do Rio Grande, “a base do poder político estava na propriedade da terra.

Durante 290 anos, ou seja, de 1530 a 1820, vigorou o sistema sesmarial, através do qual o acesso à terra se dava por doação da coroa portuguesa de vastas porções de terra – as sesmarias –, que passaram a ser transmitidas por herança. Mas, junto com esse sistema, desenvolveu-se uma outra forma de aquisição de terras que foi a posse, ou ocupação, pura e simples, de grandes áreas por muitos senhores rurais.”

(MONTEIRO, Denise Mattos. Introdução à história do Rio Grande do Norte. Natal: Cooperativa Cultural, 2002. p. 181.)

Analisando as consequências da realidade histórica referida no fragmento textual, constata-se:

- A) a sobreposição de prerrogativas vinculadas a círculos restritos da sociedade.
- B) a inviabilização do princípio da livre concorrência entre as classes proprietárias.
- C) o antagonismo entre donos de terras e lideranças oligárquicas, controladoras do eleitorado rural.
- D) o direito à compra da terra, assegurado às pessoas que as desejassem adquiri-las.

4. (Uern 2015)

Apesar da ênfase dada ao açúcar, a economia colonial não se esgotava nas plantações desse produto (...). Havia os pequenos produtores de alimentos que abasteciam os engenhos e as cidades (...). Nunca, desde o início da instalação da agroindústria, houve a diminuição do volume de açúcar produzido nas áreas a eles destinadas. (...)

As mais ricas regiões produtoras de açúcar da Bahia tinham muitos braços para o trabalho.

(Disponível em: <http://pequenaantropologa.blogspot.com.br/2011/07/fichamento-montagem-da-economia.html>.)

O texto se relaciona à economia colonial. Nesse contexto, o *plantation*, utilizado não só na América Portuguesa, mas também nas outras colônias americanas, foi caracterizado basicamente pelos seguintes elementos:

- A) Policultura, importação, latifúndio e colonato.
- B) Monocultura, balança comercial, parceria e escambo.
- C) Monocultura, latifúndio, exportação e trabalho escravo.
- D) Policultura, minifúndio, subsistência e trabalho compulsório.





5. (Uern 2015)

A coroa portuguesa viu-se obrigada a implementar uma política de colonização que assegurasse o domínio sobre a colônia, principalmente após a frustrante tentativa do sistema de Capitanias Hereditárias. A centralização administrativa (governos-gerais) e o sucesso da empresa açucareira contribuíram para assegurar a posse do Brasil, porém não afastaram a constante ameaça aos domínios coloniais portugueses na América.

(Trindade, 2010.)

A capitania do Rio Grande do Norte foi palco de incursões de franceses e holandeses. Os franceses estabeleceram-se no nosso litoral para contrabandear Pau-Brasil e chegaram a usar o Rio Grande do Norte como base para ataques às capitanias vizinhas. É correto afirmar que os holandeses

- A) empreenderam o comércio de pedras preciosas e metais abundantes na região do Rio Grande do Norte.
- B) chegaram ao Rio Grande com a intenção de buscar as drogas do sertão, famosas na região e em toda a Europa.
- C) dominaram quase todo o Nordeste açucareiro e permaneceram em solo nordestino por, praticamente, duas décadas.
- D) foram os responsáveis pela pacificação dos índios e de sua utilização no trabalho das lavouras através da mita e da encomienda.

6. (Ufrn 2012)

Os estudos históricos sobre a formação do espaço norte-rio-grandense mostram que o povoamento do interior do Rio Grande do Norte intensificou-se a partir da segunda metade do século XVIII, época em que estava consolidado o povoamento português no litoral e a Europa entrava no processo da Revolução Industrial.

Nesse período, na capitania do Rio Grande, a organização socioeconômica das áreas do sertão foi marcada

- A) pelo estabelecimento de uma economia monocultora, em que o algodão conquistou as áreas antes destinadas à pecuária.
- B) pelo desenvolvimento da indústria têxtil, que aproveitava a matéria-prima de produção local.
- C) pela nítida separação dos vários setores produtivos e a especialização das atividades econômicas por grupos sociais.
- D) pela integração entre a pecuária, a produção algodoeira e as culturas de mantimentos.





7. (CONSULTEC 2006 – CBM/RN)

A Capitania do Rio Grande, como era denominada no século XVI, foi doada a João de Barros no ano de 1535. Entretanto, a sua colonização não foi bem sucedida. Permaneceu aquela Capitania em situação de abandono, por parte dos colonizadores de 1535 a 1590 aproximadamente.

(MENDES JÚNIOR, 2005, p. 276).

A razão desse abandono está relacionada, dentre outros fatores, com

A) o Acordo firmado entre os países ibéricos de permanecerem centrados de forma exclusiva na colonização das Capitanias do Departamento Sul.

B) a presença dos franceses, concorrentes dos colonizadores ibéricos, no contexto da política econômica mercantilista.

C) a presença de missionários protestantes alemães que se consideravam também com o direito às terras recém-descobertas.

D) a aridez da região, o que impossibilitou a utilização dos recursos dos donatários a ela encaminhados pela Coroa portuguesa.

E) o conflito da Armada Invencível, que desarticulou o Governo Metropolitano e empobreceu a nobreza portuguesa.

8. (FCC - Assessor Técnico de Controle Interno - 2013)

A cidade de Natal foi fundada:

A) pelo donatário da capitania hereditária do Rio Grande, Duarte Coelho.

B) durante a invasão dos holandeses, para garantir-lhes a ocupação do litoral nordestino.

C) com a cooperação de invasores franceses, aliados aos indígenas tapuias que habitavam o litoral.

D) no início do século XVII, por representantes da Companhia da Índias Ocidentais.

E) no período da União Ibérica (Portugal e Espanha), após a morte de D. Sebastião.

9. (FCC - Analista de Sistemas - 2013)

O feriado estadual de 3 de outubro no Rio Grande do Norte corresponde à data:

A) do massacre de fiéis católicos, ocorrido em Uruaçu, comunidade de São Gonçalo do Amarante.

B) da beatificação dos mortos na capela do Engenho de Cunhaú, município de Canguaretama.

C) da invasão da capela do Engenho de Cunhaú por holandeses aliados a indígenas.



- D) do pacto de aliança firmado entre indígenas e colonos portugueses contra os holandeses invasores.
- E) da conversão do indígena potiguar Poti ao cristianismo, após suas ações contra a invasão holandesa.

10. (FCC -Analista de Tecnologia da Informação - 2010)

Durante a União Ibérica, a Capitania do Rio Grande do Norte passou a fazer parte do interesse expansionista de Filipe II da Espanha, tendo em vista

- A) o sucesso da economia de subsistência praticada pelos índios potiguares no interior da capitania, cuja produção poderia fornecer altos lucros no mercado consumidor de produtos tropicais.
- B) a constante invasão de povos estrangeiros na capitania, particularmente de holandeses, que estabeleciam fortes laços de aliança com os indígenas da tribo potiguar no sertão nordestino.
- C) a posição geográfica da capitania, que possibilitava acesso estratégico à colônia e exploração de todas as terras da costa brasileira, especificamente da região nordestina.
- D) a necessidade de expansão da colonização e a implantação de núcleos de povoamento, a organização e a criação de órgãos administrativos capazes de promover a expulsão dos franceses da capitania.
- E) o fracasso do sistema de capitanias hereditárias que favorecia incursões estrangeiras, principalmente francesas, na capitania que colocavam em risco o domínio espanhol em terras brasileiras.

11. (FCC - Técnico Legislativo - 2013)

Ao longo do século XVI:

- A) os franceses frequentaram assiduamente o litoral do Rio Grande do Norte, explorando o pau-brasil.
- B) os portugueses firmaram sólidas e fraternais alianças com os índios da região, os potiguares.
- C) a Capitania do Rio Grande coube ao donatário Duarte Coelho, que a transmitiu a seus descendentes.
- D) os moradores de Pernambuco e Itamaracá uniram-se aos franceses, no contrabando de madeira.
- E) revelou-se a excepcional fertilidade das terras do Rio Grande para o cultivo da cana-de-açúcar.





12. (FCC - Técnico Legislativo - 2013)

Durante o período da ocupação holandesa no território que hoje corresponde ao Rio Grande do Norte:

- A) ocorreu grande crescimento da produção açucareira, superando Pernambuco e Bahia.
- B) não houve crescimento econômico, restando dele, segundo Tavares Lyra, “apenas uma triste lembrança”.
- C) iniciou-se, no litoral, a exploração do pau-brasil, produto de grande interesse comercial.
- D) houve convivência pacífica entre indígenas tapuias e potiguares e colonos luso-brasileiros, unidos contra os invasores.
- E) foi criada a primeira alfândega brasileira em Natal, para controlar a entrada de produtos europeus.

13. (FCC - Analista de Sistemas - 2013)

O Hino do Estado do Rio Grande do Norte, oficializado em 1957, faz referência a determinados fatos e personagens históricos. Considere as afirmativas abaixo.

I. Os versos Na vanguarda, na fúria da guerra / Já domaste o astuto holandês! evocam a expulsão dos holandeses, em 1654.

II. Os versos Foi de ti que o caminho encantado / Da Amazônia Caldeira encontrou evocam a expedição que, sob o comando de Francisco Caldeira Castelo Branco, partiu do Rio Grande em 1615 e chegou ao Pará.

III. Os versos Da conquista formaste a vanguarda, / Tua glória flutua em Belém! evocam o martírio do padre Miguelinho, preso e executado na cidade de Belém, sob a acusação de inconfidência.

Está correto o que se afirma em

- A) I, apenas.
- B) I e II, apenas.
- C) I e III, apenas.
- D) II e III, apenas.
- E) I, II e III.

14. (FCC - Técnico Legislativo - 2013)

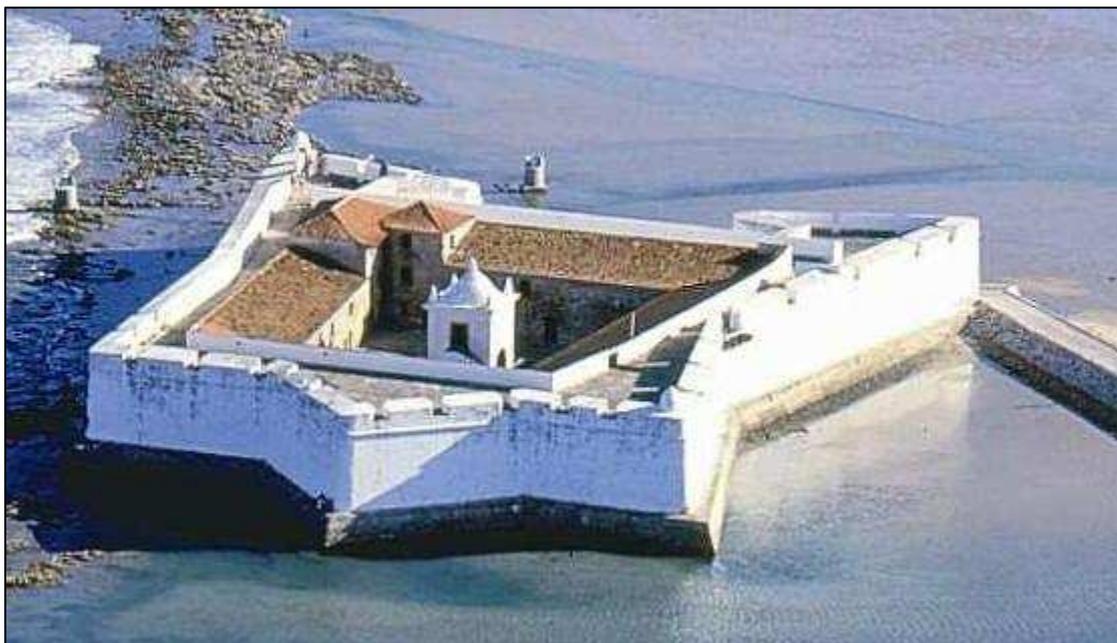
Sobre a pacificação dos índios potiguares no território que compreendia o Rio Grande (mais tarde do Norte), é correto afirmar:



- A) A pacificação deu-se por lento processo de mestiçagem, resultante do casamento de inúmeros portugueses com índias potiguares, cujos descendentes povoaram o atual Rio Grande do Norte.
- B) Os índios potiguares rejeitaram a intermediação de missionários jesuítas nas negociações pelo acordo de paz, aceitando apenas as tratativas feitas por Jerônimo de Albuquerque, mestiço de índio e branco.
- C) Os violentos confrontos entre colonizadores e potiguares ficaram conhecidos na História do Brasil como Guerra dos Bárbaros, que resultou, após o extermínio de grande parte da população indígena, na pacificação.
- D) Após muitos combates violentos contra colonizadores luso-brasileiros, os índios potiguares aceitaram acordo de paz em 1599, com intermediação de Jerônimo de Albuquerque e padres jesuítas.
- E) Usa-se a expressão “pacificação dos índios potiguares” para identificar o momento a partir do qual a prática do canibalismo foi abandonada e a fé cristã foi adotada pelos índios.

15. (IDECAN-RN 2017 – Bombeiros)

Observe a imagem.



(Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=forte+dos+tres+reis+magos+em+natal+_AUIBygC&biw=1920&bih=925&dpr=1#imgsrc=OMEpNapGGLKiAM.)

Este ponto turístico e histórico de Natal é um dos mais importantes da cidade. O Forte dos Reis Magos guarda uma grande herança sobre a história da cidade e sua fundação. Sobre esse forte é correto afirmar que:

- A) Foi edificado pelos holandeses durante a ocupação que fizeram no Nordeste brasileiro.
- B) Foi neste forte que os ingleses, outros invasores estrangeiros, se renderam à revolta luso-brasileira.
- C) Foi edificado como resposta da coroa portuguesa e espanhola à ameaça dos corsários franceses que traficavam o pau-brasil.
- D) É o primeiro forte a ser construído no Brasil, erguido ainda no início da colônia e, hoje, considerado patrimônio histórico e cultural do Brasil.

16. (IDECAN-RN 2017 – Bombeiros)

Leia atentamente os trechos a seguir.

“A rua em que nasci se chamava lindamente: Rua das Virgens. Em 55 pregaram na rua o meu nome. Escrevi desaforo, xinguei meio mundo. Mas a placa ficou lá. E na casa ainda me botam uma outra que diz que ali nasci eu, a 30 de dezembro de 1898. Conclusão: sou o único rio-grandense vivo que não pode negar a idade.”

“Sou da geração de Lampião e Luís Carlos Prestes. Também da de seis acadêmicos da Brasileira de Letras. Eu na academia? Pra quê? O Afrânio Peixoto dizia que eu era um provinciano profissional e incurável. Não sou nem federal, nem estadual. Sou municipal. Fico por aqui. E quando saio sou como pombo-correio. Volto certinho pro meu canto.

Daqui, só pro Alecrim (bairro do cemitério de Natal).”

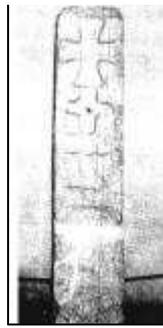
Natal é a terra do escritor, professor famoso e autor de célebre frase: “O melhor do Brasil é o brasileiro” e, também, dos trechos e anteriormente citados. Considerado um dos maiores folcloristas nacionais, trata-se de:

- A) Olavo Bilac.
- B) Ferreira Gullar.
- C) Ariano Suassuna.
- D) Câmara Cascudo.

17. (CONSULTEC 2006 – PM/RN)

A ilustração apresenta um monumento que faz parte da história do Rio Grande do Norte, tendo sido erguido





- A) para marcar a importância do domínio holandês no Nordeste.
- B) para enaltecer os índios tapuias como primeiros habitantes da região.
- C) para legitimar e oficializar a tomada de posse dos territórios pelos portugueses.
- D) em reconhecimento ao papel desempenhado pelos franceses na colonização do Rio Grande do Norte.
- E) para homenagear o herói rio-grandense André de Albuquerque, líder dos movimentos de independência.

18. (CONSULTEC 2006 – PM/RN)

A Guerra dos “Bárbaros”, um episódio histórico do Rio Grande do Norte, foi um conflito entre lusos-brasileiros e indígenas da região.

Sobre esse fato, é correto afirmar:

- A) O resultado desse longo conflito foi a vitória dos indígenas sobre os lusos-brasileiros.
- B) Esse episódio de curta duração expressou a revolta indígena contra a catequese dos jesuítas.
- C) A luta se estendeu por outras capitanias e os indígenas receberam apoio de escravos africanos e do invasor holandês.
- D) O conflito se relaciona com a descoberta de minas de ouro no interior da capitania, em áreas habitadas por indígenas tapuias.
- E) A guerra, após um longo período, foi encerrada pela intervenção de forças portuguesas lideradas pelos bandeirantes.

19. (FESMP 2006 – Agente administrativo)

“O estado do Rio Grande do Norte, juntamente com os do Rio de Janeiro, Ceará, Piauí e Sergipe, segundo os dados oficiais e um período muito recente, eram considerados os cinco estados brasileiros onde não existiriam mais povos indígenas”.

(Denise Mattos Monteiro, Introdução à História do Rio Grande do Norte, p.19).



Sobre o período de conquista portuguesa na luta por território no atual Estado do Rio Grande do Norte podemos afirmar que:

I - O Rio Grande do Norte foi o principal palco de um dos maiores e mais longos conflitos armados envolvendo índios e brancos em todo o período colonial da história do País - a chamada Guerra dos Bárbaros.

II - Os povos que habitavam o território que hoje constitui o Estado do Rio Grande do Norte dividiam-se entre os potiguara, que habitavam o litoral, e os tarairiu, habitantes do sertão.

III - Os potiguara pertenciam ao tronco tupi e distribuíram-se entre os atuais estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

- A) Somente I está correta
- B) Somente II está correta
- C) Somente I e III estão corretas
- D) Somente III está correta
- E) I, II e III estão corretas

20. (UFRN/2001)

Durante a primeira metade do século XVII, na Capitania do Rio Grande [do Norte], ocorreram vários conflitos armados, com os quais se podem relacionar os interesses

- A) das Companhias de Comércio de Pernambuco e da Paraíba, que lutavam pelo direito de aprisionar o nativo, com a finalidade de vendê-lo na Europa.
- B) das diversas etnias nativas, Tupi e Tarairiú, que aproveitavam os conflitos coloniais para vingarem-se dos grupos indígenas oponentes.
- C) da França e da Espanha, que, para retomarem o controle do Nordeste, instigavam os índios contra os portugueses, enfraquecendo estes.
- D) da Holanda e de Portugal, que buscavam aliança com os nativos, vistos como elementos de apoio na luta pelo domínio territorial do Nordeste açucareiro.

21.

A Guerra dos Bárbaros foi uma série de confrontos bélicos entre colonos e índios que habitavam o interior da Capitania do Rio Grande (do Norte) em fins do século XVII e início do século XVIII. Tal conflito, ocorrido principalmente nas ribeiras do Açu, do Apodi e do Seridó, deveu-se à forma de colonização dos sertões e à reação indígena contra a ocupação de suas terras. No que diz respeito à Guerra dos Bárbaros, atenda às solicitações abaixo.

Qual a relação entre os conflitos e a atividade econômica que propiciou a colonização dos sertões norte-rio-grandenses?

- A) A expansão do algodão no interior do RN dizimou as tribos cariris.



- B) Devido ao plantio da cana de açúcar houve uma escravização dos índios para a lavoura.
- C) As guerras justas serviu de um dos motivos para a reação indígena contra a expansão da pecuária pelo interior do Rio Grande.
- D) Não houve relação entre a economia do Rio Grande e a reação indígena.

22. (ESMARN 2002 – Auxiliar Técnico TJ-RN)

Após o domínio holandês, na segunda metade do século XVII, a capitania do Rio Grande (do Norte) conheceu o:

- A) maior levante indígena contra a colonização portuguesa que penetrava no interior potiguar.
- B) começo da cultura algodoeira, motivada pela crise internacional, a partir da guerra de Secessão, nos EUA.
- C) apogeu da exploração salineira nas regiões de Macau e Areia Branca para atender ao comércio externo.
- D) declínio da atividade açucareira e algodoeira, uma vez que os holandeses deixaram a capitania arrasada.

23. (COMPERVE 2012)

No quadro da colonização, os portugueses consideravam-se legalmente proprietários das terras americanas definidas pelo Tratado de Tordesilhas. Partindo de Pernambuco, eles procuraram expandir a área conquistada. Na capitania do Rio Grande, construíram a fortaleza dos Reis Magos e, depois, fundaram Natal em 1599.

Sobre esse período histórico da Capitania do Rio Grande, é correto afirmar:

- A) A sociedade fundamentada na cultura canavieira possibilitava a ascensão social dos grupos que não eram proprietários de terras, uma vez que lhes permitia participarem das Câmaras municipais.
- B) A legitimidade da ocupação territorial foi questionada, interna e externamente, o que ficou evidente nas reações indígenas e nas incursões estrangeiras à costa potiguar.
- C) O senhor de engenho tinha o controle da terra e da produção açucareira, mas subordinava-se ao poder dos -coronéis- da Guarda Nacional, controlada pelo poder central.
- D) A ocupação das terras do interior ocorreu sem conflitos, uma vez que as tribos indígenas concentravam-se no litoral, onde se implantou a agroindústria açucareira.

24. (CONSULTEC 2006 – PM/RN)

Sobre a conquista e a ocupação da capitania do Rio Grande, é correto afirmar:



- A) A conquista do interior só foi possível após a descoberta de minas de ouro pelos bandeirantes.
- B) A conquista do território foi facilitada pela total falta de resistência à ocupação da região pelos portugueses.
- C) A ocupação e o povoamento das terras no interior ocorreram, principalmente, em consequência da lavoura da cana-de-açúcar.
- D) A péssima posição geográfica da capitania do Rio Grande em relação a Portugal levou o primeiro donatário a não se interessar por ela.
- E) A ocupação das terras litorâneas pelos portugueses só foi possível após a construção do Forte dos Reis Magos, devido à presença de franceses e indígenas na região.

25. (CONSULTEC 2006 – CBM/RN)

Em relação à conquista e à ocupação do espaço geográfico brasileiro, especialmente a capitania do Rio Grande do Norte, é correto afirmar:

- A) Para assumir a posse da capitania dominada pelos franceses, os portugueses se uniram aos índios Tapuias, cujo contato com os invasores foi marcado por violência e agressividade.
- B) A conquista territorial do Rio Grande do Norte efetivou-se durante a União Ibérica, quando, após a derrota dos invasores franceses, os luso-brasileiros ergueram o forte dos Reis Magos e iniciaram a fundação do povoado que originou Natal.
- C) O interior da capitania só pode ser conquistada quando os bandeirantes paulistas contratados pela Coroa Portuguesa saíram à procura de ouro e para aprisionar os índios.
- D) O domínio holandês na região organizou expedições para o interior à procura de áreas para expandir a lavoura da cana-de-açúcar, provocando uma guerra sangrenta chamada Guerra dos Bárbaros.
- E) O bandeirismo paulista foi uma alavanca no processo de expansão territorial da colônia, sem contribuir para o aparecimento de vilas e de povoados, já que sua meta era aprisionar índios e descobrir minas.

26. (CONSULPLAN 2006 - Guarda Municipal Natal-RN)

Acerca do estado do Rio Grande do Norte, marque V para as alternativas verdadeiras e F para as alternativas falsas:

- () No início da colonização, a economia do Rio Grande do Norte era basicamente de subsistência, concentrando-se na pesca, pecuária e agricultura.
- () A cultura da cana-de-açúcar, tão bem desenvolvida em outras capitanias teve o mesmo sucesso no Rio Grande do Norte, principalmente no sul do Estado.



() É nítida a importância econômica atual que o turismo assume como gerador de renda, empregos e receita no Estado. A sequência está correta em:

- A) V, V, F
- B) V, F, V
- C) V, F, F
- D) F, V, V
- E) F, V, F

27. (CONSULTEC 2006 – PM/RN)

Na história do Rio Grande do Norte, a construção do Forte dos Reis Magos teve por objetivo:

- A) ser um ponto de apoio dos holandeses para controlar o comércio de açúcar.
- B) servir de local de encontro das sociedades secretas que organizaram rebeliões na época colonial.
- C) confirmar a dominação francesa na região, em obediência às regras do Tratado de Tordesilhas.
- D) ser responsável pela defesa da capitania e marco definitivo da posse territorial pelos colonizadores portugueses.
- E) servir de centro de triagem de escravos africanos desembarcados na capitania do Rio Grande até serem vendidos aos donos de engenho.

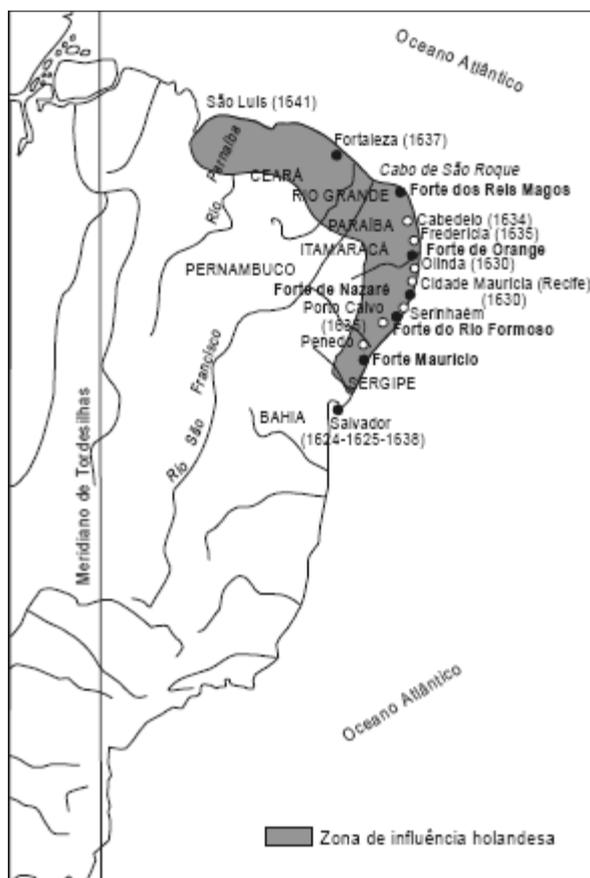
28. (COMPERVE/PREFEITURA DE CANGUARETAMA/2006 – NÍVEL SUPERIOR – PROFESSOR DE HISTÓRIA)

Os massacres que os holandeses promoveram na capitania do Rio Grande do Norte tinham como objetivo:

- A) eliminar a resistência dos índios tapuias para que eles deixassem os portugueses desamparados.
- B) eliminar qualquer resistência política e religiosa para assegurar a exploração econômica.
- C) implantar um governo na região produtora de açúcar e posteriormente transferi-lo para outra capitania.
- D) vingar a morte de Jacob Rabbi, que havia sido perseguido pelos jesuítas que viviam na região.



29. (CFO-BPM-RN/2006)



Com base no mapa e nos conhecimentos sobre o domínio holandês no Nordeste brasileiro, pode-se afirmar:

- A) A conquista pelos flamengos da zona de influência destacada no mapa ocorreu concomitantemente, devido ao apoio dos governos locais.
- B) A ocupação do Rio Grande pelos dominadores holandeses esteve voltada para a exploração do sal no litoral da Capitania.
- C) A Companhia das Índias Ocidentais (W.I.C.) impôs a toda a região dominada as práticas do protestantismo em substituição às da Igreja Católica.
- D) O interesse dos dominadores esteve centrado na campanha para estender o trabalho assalariado ao conjunto das atividades de subsistência da região.
- E) A ambição dos holandeses no domínio da região destacada era garantir um governo sólido, sob a orientação da Companhia das Índias Ocidentais (W.I.C.).

30. (PM-RN/2004)

“O Forte dos Reis Magos é uma das edificações militares mais bonitas do país. Suas grossas muralhas são construídas de pedras extraídas dos arrecifes próximos. Na argamassa de alvenaria, foi empregado o óleo de baleia, processo comumente usado, por esse tempo”

(Osvaldo Câmara de Souza, Acervo do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Norte, p.35).

Sobre o Forte dos Reis Magos podemos afirmar que:

- A) Foi palco de conflitos entre populações indígenas, ingleses, portugueses e franceses, sendo estes últimos os vitoriosos e lá se instalaram, por longo período.
- B) Tem forma de polígono retangular como os demais fortes brasileiros.
- C) Tem a forma clássica do forte marítimo, um polígono estrelado, sua construção foi iniciada em 1598 e concluída em 1628, foi também palco de conflitos entre holandeses e luso-brasileiros.
- D) Tem forma de um polígono estrelado e foi palco de conflitos entre ingleses, holandeses, portugueses, espanhóis, franceses, sendo estes últimos os que ocuparam o forte durante todo o século XVII.
- E) Tem a forma retangular, obedecendo a forma clássica do forte marítimo.

31. (UNB/CESPE 2010 – Técnico de nível superior)

Acerca dos aspectos históricos do Rio Grande do Norte, assinale a opção correta.

- A) Os holandeses foram os primeiros a pisarem no Rio Grande do Norte e mantiveram relações amistosas com os índios potiguaras, com os quais eles efetuavam o comércio do pau-brasil. Esses invasores permaneceram no Brasil até serem expulsos pelos portugueses no século XVIII.
- B) Até o século XIX, os invasores holandeses e franceses viveram entre os índios potiguaras, aprendendo os costumes e a língua e até formando famílias.
- C) Os franceses, pelo *uti possidetis*, adquiriram o direito sobre as terras brasileiras descobertas pelos portugueses e permaneceram no território norte-rio-grandense até o século XVIII.
- D) A fortaleza dos Reis Magos foi a sentinela avançada dos portugueses no norte do Brasil e seu comando, a partir do ano de sua fundação esteve a cargo de João de Barros.
- E) Com a divisão do Brasil em capitanias hereditárias, Dom João III doou, de início, um lote ao donatário João de Barros e a Aires da Cunha.

32. (UNB/CESPE 2010 – Técnico de nível superior)

Quanto à história do Rio Grande do Norte durante os séculos XVI e XVII, assinale a opção correta.

- A) Em maio de 1654, o domínio português estava restaurado em todas as capitanias anteriormente ocupadas pelos holandeses.



- B) A medida capaz de incentivar a ocupação das terras, após a expulsão dos holandeses, foi a adoção do regime de capitanias hereditárias e o povoamento da região com índios e portugueses, o que incentivou a miscigenação dessas etnias.
- C) A chamada Guerra dos Bárbaros foi uma luta que se estendeu por cerca de cinquenta anos entre os índios cariris, aliados dos portugueses, e os holandeses.
- D) Durante os cinquenta anos que se seguiram à Guerra dos Bárbaros, os índios tapuios foram perseguidos e exterminados pelo militar Bernardo Vieira de Melo.
- E) O militar português Bernardo Vieira de Melo aliou-se aos holandeses, ajudando-os a invadir o Forte dos Reis Magos.

33. (UFRN/2012)

Os estudos históricos sobre a formação do espaço norte-rio-grandense mostram que o povoamento do interior do Rio Grande do Norte intensificou-se a partir da segunda metade do século XVIII, época em que estava consolidado o povoamento português no litoral e a Europa entrava no processo da Revolução Industrial.

Nesse período, na capitania do Rio Grande, a organização socioeconômica das áreas do sertão foi marcada

- A) pelo estabelecimento de uma economia monocultora, em que o algodão conquistou as áreas antes destinadas à pecuária.
- B) pelo desenvolvimento da indústria têxtil, que aproveitava a matéria-prima de produção local.
- C) pela nítida separação dos vários setores produtivos e a especialização das atividades econômicas por grupos sociais.
- D) pela integração entre a pecuária, a produção algodoeira e as culturas de mantimentos.

34. (MULTI-SAI – Ruy Barbosa-RN/2010-adaptada)

Com relação a história do Rio Grande do Norte, Fascículo 16 - Economia e História do RN – Uma Síntese Dadas - da Tribuna do Norte, dadas as afirmativas abaixo, assinale a alternativa correta:

- 1 - O último ato dos batavos, no Rio Grande, foi mais violência. Vencidos, obrigados a deixar a capitania, lançaram fogo, destruindo o que podiam, inclusive, documentos.
- 2 - Após os flamengos, a capitania conheceu outro momento de grande violência: "A Guerra dos Bárbaros". Provocada pelos brancos, que desejavam tomar a terra dos seus legítimos donos, ou seja, dos nativos. A violência gerou violência. Bernardo Vieira de Melo, compreendendo essa verdade, agiu com competência e justiça, conseguindo aplicar a região sob o seu comando.



3 - No século XVIII, a economia do RN tinha por base apenas a agricultura, a indústria pastoril e o petróleo.

- A) Todas as afirmativas estão corretas;
- B) Apenas as afirmativas 1 e 2 estão corretas;
- C) Apenas as afirmativas 1 e 3 estão corretas;
- D) Apenas as afirmativas 2 e 3 estão corretas.

35. (FESMP/RN – MP/RN – 2005 - ADPATADO)

Sobre o Marco de Touros (Osvaldo Câmara de Souza, Acervo do Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Estado do Norte, p.19), podemos afirmar que:

- I - Trata-se do mais antigo marco colonial do Brasil (século XVI)
- II - O marco ostenta, em relevo, em uma das suas faces, a cruz de Cristo, marca do Rei de Portugal.
- III - O marco é uma coluna retangular, em pedra lioz, o mármore de Lisboa.

- A) Somente I está correta
- B) Somente II está correta
- C) Somente III está correta
- D) I, II e III estão corretas
- E) I e II estão corretas

36. (Ufrn 2002)

Os documentos a seguir apresentam aspectos ligados à condição da mulher no Brasil colonial:

DOCUMENTO I

Mulheres sem ter, às vezes, o que fazer. A não ser dar ordens estridentes aos escravos; ou brincar com papagaios, saguis, mulequinhos. Outras, porém, preparavam doces finos para o marido; cuidavam dos filhos.

FREYRE, Gilberto. "Casa-grande e senzala". 25. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1987. p. 349.



DOCUMENTO II



"Vendedoras de aluá, de limões doces, de cana,
de manuê e de sonhos."
Gravura de Jean-Baptiste Debret.

A análise desses dois documentos permite afirmar que, no período colonial,

- A) as mulheres brancas administravam os negócios da família; as mulheres negras dedicavam-se aos cuidados do lar.
- B) o comércio era uma atividade restrita às mulheres brancas; as mulheres negras dedicavam-se à agricultura e ao artesanato.
- C) as atividades das mulheres brancas eram exercidas no interior da casa; as mulheres negras dedicavam-se também a atividades no espaço público.
- D) o poder de comando, na família branca, era dividido igualmente entre o homem e a mulher; na família escrava, a mulher ocupava um papel proeminente.

37. (Ufrn 2002)

A partir do século XVII, a exploração portuguesa no território brasileiro ultrapassou o litoral, avançando pelo interior, com o movimento das Bandeiras, representado no mapa a seguir.



FONTE: COTRIM, Gilberto. "História e consciência do Brasil". São Paulo: Saraiva, 1997. p. 105.

Analisando o mapa acima, é correto afirmar que as Bandeiras

- A) forçaram a dilatação da linha de Tordesilhas, favorecendo o império espanhol.

- B) dirigiram-se aos sertões procurando metais preciosos e criando aldeamentos indígenas.
- C) detiveram-se nas margens dos principais rios situados no território português.
- D) forneceram elementos para um primeiro delineamento das fronteiras brasileiras atuais.

38. (Ufrn 2001)

No período Moderno, a Europa era caracterizada por ter uma sociedade aristocrática. Em razão disso, com a implantação do sistema colonial luso-espanhol no Novo Mundo, criaram-se relações de cunho aristocrático, que podem ser identificadas na

- A) formação de uma nobreza colonial baseada na miscigenação entre o europeu e as famílias descendentes dos altos governantes nativos.
- B) constituição de um grupo de comerciantes exportadores de açúcar, beneficiados pela isenção de pagamento de impostos à metrópole.
- C) ampliação do poder dos latifundiários, com autoridade garantida pelo domínio econômico e militar, para assegurar seus privilégios.
- D) consolidação dos privilégios de uma elite, em razão das atividades manufatureiras, que alimentavam o comércio local e o regional.

39. (Ufrn 2001)

A história da administração colonial no Brasil foi marcada por constantes tensões. Aos usos e mandos da autoridade metropolitana, contrapunham-se formas de resistência e confronto do poder local, ligadas à influência dos

- A) governadores gerais, que coordenavam as iniciativas de povoamento, a fim de garantir a posse do território pela Coroa.
- B) "juizes de fora", que, nomeados pelo Conselho Ultramarino, eram responsáveis pela presidência das Câmaras dos principais municípios.
- C) "homens bons", que, na condição de proprietários de terras, escravos e gado, detinham o direito de voto nas Câmaras Municipais.
- D) capitães-generais, que, encarregados das capitânicas da Coroa, subordinavam as forças armadas dos respectivos territórios e lideravam a administração destes.

40. (Ufrn 2001)

As igrejas e os conventos, no Brasil colonial, foram construídos seguindo o estilo barroco da arte europeia da época.

Na arquitetura colonial, o movimento barroco se constituiu em

- A) oposição à suntuosidade nos ornamentos e na iluminação dos ambientes religiosos.



- B) expressão e instrumento da Contra-Reforma, associando poder, religião e riqueza.
- C) afirmação dos ideais da Reforma Religiosa, a qual pregava as liberdades individuais e justificava o enriquecimento.
- D) valorização do equilíbrio nas formas e da austeridade na decoração, inspirando-se na arquitetura grega clássica.

41. (Ufrn 2000)

No século XVIII, teve início a exploração da região mineradora no Brasil, provocando transformações importantes na economia colonial, tais como o(a)

- A) desenvolvimento de um intenso mercado interno na colônia, dinamizado por comerciantes e tropeiros atraídos pela chance de enriquecimento.
- B) criação de um grande centro produtor de manufaturas, na zona aurífera, o qual fornecia produtos para o consumo das outras capitanias.
- C) valorização da moeda local, possibilitando, à Coroa portuguesa, obter um grande aumento da arrecadação tributária que pesava sobre a colônia.
- D) investimento de capitais estrangeiros na atividade agroexportadora açucareira, para fazer frente ao rápido processo de crescimento da mineração.

42. (Ufrn 2000)

No período colonial, a vida socioeconômica do Brasil agrário baseava-se na grande propriedade rural. Pode-se afirmar que essa propriedade

- A) proporcionava, a qualquer investidor, rápido enriquecimento e ascensão, garantidos pela fácil mobilidade social.
- B) era herdada pelo filho primogênito, que, obrigado pelo Foral e pela Carta de Doação, deveria responsabilizar-se pelo sustento dos familiares.
- C) gerava riquezas e prestígio social, garantindo, também, ao proprietário, condições de angariar os votos dos seus familiares e dependentes.
- D) fornecia alimentação, moradia e proteção à família senhorial, que incluía aparentados e agregados, todos sob a autoridade do proprietário.

43. (Ufrn 1999)

Sobre as Capitanias Hereditárias, sistema administrativo adotado no Brasil por iniciativa de D. João III, é correto afirmar:

- A) O sistema já fora experimentado, com êxito, pelos portugueses em suas possessões nas ilhas atlânticas e marcou o início efetivo da colonização lusa no Brasil.



- B) Os donatários tornavam-se proprietários das capitanias através da Carta de Doação, a qual lhes dava o direito de vendê-las, de acordo com seus interesses.
- C) A maioria dos donatários era representante da grande nobreza de Portugal e demonstrava forte interesse pelo sistema de capitanias.
- D) O fracasso do sistema é associado às lutas ocorridas na disputa pelas terras e aos conflitos com estrangeiros que frequentavam as costas brasileiras.

44. (Ufrn 1999)

A implantação do sistema colonial transformou as relações amistosas existentes entre indígenas e portugueses no início da ocupação do Brasil.

Essa transformação se deveu à:

- A) grande inabilidade dos indígenas para a agricultura, recusando-se a trabalhar nas novas plantações açucareiras, atitude que desagradou aos portugueses.
- B) crescente ocupação das terras pelos portugueses e à necessidade de mão de obra, levando à escravização dos índios, que reagiram aos colonos.
- C) importação de negros africanos, cuja mão de obra acabou competindo com a dos indígenas, excluindo estes do mercado de trabalho agrário.
- D) introdução de técnicas e instrumentos agrícolas europeus nas aldeias indígenas, desestruturando a economia comunal dos grupos nativos.





1. Alternativa C
2. Alternativa B
3. Alternativa A
4. Alternativa C
5. Alternativa C
6. Alternativa D
7. Alternativa B
8. Alternativa E
9. Alternativa A
10. Alternativa C
11. Alternativa A
12. Alternativa B
13. Alternativa B
14. Alternativa D
15. Alternativa D
16. Alternativa D
17. Alternativa C
18. Alternativa E
19. Alternativa E
20. Alternativa D
21. Alternativa A
22. Alternativa A
23. Alternativa B
24. Alternativa E
25. Alternativa B
26. Alternativa B
27. Alternativa D
28. Alternativa B
29. Alternativa E
30. Alternativa C
31. Alternativa E
32. Alternativa A
33. Alternativa D
34. Alternativa B
35. Alternativa D
36. Alternativa C
37. Alternativa D
38. Alternativa C
39. Alternativa C
40. Alternativa B
41. Alternativa A
42. Alternativa D
43. Alternativa A
44. Alternativa B



8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Muito bem, querido aluno. Se você chegou até aqui é um bom sinal: o de que tentou praticar todos os exercícios. Não se esqueça da importância de ler a teoria completa e sempre consultá-la. Não se esqueça, também, dos seus objetivos e dedique-se com toda a força para alcançá-los. Sonhe alto, pois “quem sente o impulso de voar, nunca mais se contentará em rastejar”. Encontro você na nossa próxima aula.

Bons estudos, um grande abraço e foco no sucesso.

Até logo...

Prof. Sérgio Henrique Lima Reis.



ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



1 Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



2 Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



3 Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



4 Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



5 Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



6 Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



7 Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



8 O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.